

Montanhões

PINGO DE LÁZKA



OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

ILHA TERCEIRA - AÇORES NÚMERO 28

BOLETIM INFORMATIVO

JULHO 1994

"OS MONTANHEIROS"

MEMBRO HONORÁRIO

DA

ORDEM DE MÉRITO



SUMÁRIO :

DOCUMENTOS VIVOS - VANDALISMO - FRAGMENTOS - HONRA AO MÉRITO -
CARTAZ - ROTA DO AÇOR ("Babilónia") - BIBLIOGRAFIA - EXPEDIÇÃO "BOCAS
DE FOGO-94" - VÁRIA - ROTA DO AÇOR ("Lagoinha") - FRAGMENTOS - VIP NO
ALGAR - GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (Algar do Alto do Morais -Ilha do Pico)
- RECORTES DO ALBUM - ÚLTIMO PINGO.

Um quarto de século depois, o autor de "A Torre Branca", relato épico da ascensão do Matterhorn, volta ao local da sua escalada

Alpinismo Depois dos Quarenta

James Ramsey Ullman

Foi uma volta sentimental ao passado. Em 1927, com 19 anos, aproveitei umas férias da universidade para escalar o Matterhorn. Foi uma das maiores sensações que já experimentei na vida. Durante muitos anos, alimentei a esperança de voltar lá um dia, com um dos meus filhos. E agora, um quarto de século depois, ia tentar a proeza novamente—com meu filho Jim, de 19 anos.

Enquanto o trem subia lentamente o profundo vale suíço, em direção à aldeia de Zermatt, ia surgindo a massa impressionante do Matterhorn, com a sua ponta negra espetando o céu.

—Acho que êle cresceu um pouco—disse a Jim.

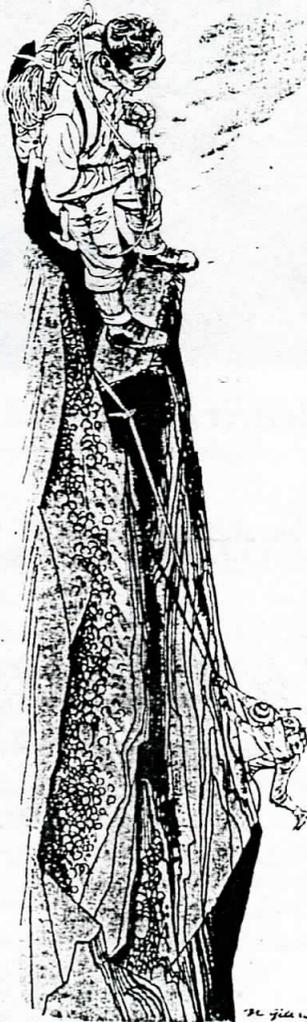
O Matterhorn é mais do que uma montanha; é um monumento e uma legenda. Pela trilha geralmente seguida, não é uma montanha "difícil"; já foi escalada por meninos de 12 anos e por setua-genários. Os guias de Zermatt chamam-na prosaicamente de "ganha-pão". Entretanto, poucos outros picos no mundo a igualam em fama e atração, e isso por causa de sua aparência espetacularmente selvagem e de sua história igualmente espetacular. Poucas aventuras humanas terão sido tão trágicas quanto a primeira ascensão do Matterhorn. Depois de cinco anos de tentativas, Edward Whymper conseguiu alcançar o topo em julho de 1865—para assistir, na descida, à morte de seis de seus companheiros. E é raro o ano em que não morre alguém ali.

Em 1927 escalei o Matterhorn no segundo dia de minha chegada a Zermatt; mas agora, na idade

madura, eu não podia repetir a façanha, da mesma forma que não pensaria em atravessar a nado o Canal da Mancha. Felizmente dispúnhamos de três semanas para a aventura, sendo as duas primeiras reservadas para escaladas menores e para adaptação.

Jim, que nunca havia escalado montanha, precisava adquirir experiência e eu precisava desferrujar os músculos.

Enveredamos com facilidade pelos caminhos que, atravessando aquêl brilhante mundo de florestas subal-



pinas, prados e córregos impetuosos, levam à base dos picos. Comemos chocolate e bebemos leite fresco em várias estalagens à beira do caminho. Passamos entre rebanhos de vacas, ovelhas e cabras até chegarmos aos chalés do Clube Alpino, na borda das geleiras.

Cada distrito alpino tem a sua "montanha de treinamento". A de Zermatt é o Riffelhorn, de 3.000 metros, para onde seguimos após alguns dias para tentar a nossa primeira escalada de verdade. Amarrados aos guias, subimos e descemos por caminhos de dificuldade crescente. As rochas avançavam e recuavam; os pontos de apoio das mãos e dos pés escasseavam de maneira alarmante—mas tudo correu bem. Depois de alguns passos em falso, escorregões e muito suor, Jim chegou onde devia chegar e parecia estar se divertindo muito. Até aqui, tudo bem, pensava eu satisfeito, enquanto descíamos para a aldeia.

E foi então que aconteceu o inesperado. Senti uma dor aguda no joelho direito. Parei, fiz uma flexão, esfreguei-o e continuei a caminhada. A dor aumentava, e quando chegamos a Zermatt eu não conseguia mais andar.

Foi o começo do desapontamento. Na semana seguinte andei capengando pela aldeia, consultei o médico e acabei indo para a cama, com receitas e compressas. Jim demonstrou muita paciência e compreensão, mas estava evidentemente contrariado. Eu ia fazendo fricções e resmungando.

Finalmente o médico concluiu que o mal que me afligia era artrite (doença de gente velha, pensei) e começou uma série de injeções de cortisona. Elas operaram milagres. Depois da primeira, fui ao cinema sem coxear. Depois da sexta e última injeção, podia andar e fazer alpinismo tão bem quanto antes.

Eu e Jim começamos a escalar o Matterhorn gradativamente, com dois guias, Emil e Alfons. No primeiro dia subimos apenas até ao hotel Schwarzsee, uns 900 metros acima de Zermatt; no segundo fomos até ao chalé Belvedere, 600 metros mais acima. À nossa volta, viam-se apenas grandes penhascos e o lençol branco das geleiras. E lá no alto estava *êle*, 1.200 metros de pedra furando o céu.

No Belvedere encontramos três austríacos que tinham passado três noites e dois dias num pequeno chalé a meio caminho do pico, isolados por uma tempestade. A montanha tinha-se fechado sobre eles, tinha brincado com eles—e depois os deixara partir. Suas fisionomias estampavam os maus momentos por que tinham passado. Os outros que encontramos no Belvedere estavam subindo também. Havia ao todo uns vinte alpinistas, em grupos de duas, três e quatro pessoas.

Às quatro horas da manhã seguinte Alfons nos acordou. Trocamos poucas palavras e tomamos o café em cinco minutos. Em seguida, amarramo-nos dois a dois—Emil com Jim e Alfons comigo. Fazia frio, mas não demais. A névoa nos cercava, mas lá em cima o pico se erguia alvo no escuro da noite.

—Pronto?—perguntou Alfons.

E partimos. No silêncio da noite, iam comigo as recordações, as esperanças e os sonhos de 25 anos.

A medida que íamos subindo, a distância entre os diversos grupos ia aumentando. Durante a primeira meia hora movimenteimei bastante, acenando para os que passavam por mim. E depois não havia mais a quem acenar. Jim e Emil, e os outros também, tinham desaparecido de vista. “Vamos, anda”, dizia para mim mesmo. E de fato eu andava, mas no mesmo passo de antes.

—Uma paradinha, Alfons?

—Dentro de alguns momentos chegaremos ao chalé.

(Dez minutos de intervalo.)

—Alfons, e então?

—Estamos quase chegando.

O sol despontou, brilhante mas sem muito calor. E de repente encontramos uma pequena cabana, à beira do nada. Alfons abriu o seu bernal. Comemos um pouco de chocolate e bebemos chá misturado com vinho tinto. Recomeçamos a escalada.

Não é possível que fique ainda mais íngreme, pensei. Mas ficou. E

não só ficou mais íngreme, como continuou mais íngreme.

—Um pouco mais depressa—sugeriu Alfons.

Foi quando eu dei para andar mais devagar.

—Incline-se mais para trás—disse *êle*—e verá melhor.

Inclinei-me para a frente, de maneira a ver o menos possível.

Geralmente o percurso do Belvedere ao cume é de quatro horas. (Em 1927 eu o tinha feito exatamente em três horas e 54 minutos.) Eu sabia que o recorde de velocidade era uma hora e meia. Confesso que ignorava o recorde de lentidão, mas não havia dúvida que *êle* estava sendo seriamente ameaçado.

Minhas pernas já não doíam, mas pareciam ter um ritmo próprio, impossível de ser acelerado por qualquer esforço da vontade. E à medida que subíamos, a altitude começava a fazer sentir os seus efeitos. Eu era obrigado a parar cada 20 ou 30 passos e respirar fundo. Não me dava mais ao trabalho de pedir a Alfons para descansar; parava, simplesmente.

Finalmente, chegamos à lombada do Matterhorn, delgada crista de neve entre os precipícios das encostas norte e leste, além da qual o pico rasga o céu. Começa aí a parte mais difícil da ascensão e durante a meia hora seguinte eu não estava mais pensando em esporte.

Para um precipício de cerca de 90 metros há uma série de cordas fixas, com auxílio das quais a gente tem que galgar rochas íngremes e quase desprovidas de pontos de apoio. Passei a primeira corda muito bem, a segunda mais ou menos; mas quando cheguei à terceira, os meus braços tinham virado verdadeiras barras de chunibo e cada vez que eu respirava sentia uma convulsão. Os meus protetores de mão escorregavam pela corda coberta de gelo. Tirei-os, e as mãos começaram a gelar. Coloquei-os de novo, e novamente escorreguei. Eu precisava descansar. Eu tinha que descansar. Mas nas cordas não se pode descansar; é preciso continuar puxando, senão . . .

—Está vendo—disse Alfons—é uma brincadeira de criança.

Eu sabia que alguns metros à direita ficava o local donde os quatro companheiros de Whymper tinham caído duma altura de 1.200 metros. “Vamos pensar em outra coisa”, disse para mim mesmo. Pensei nos meus braços e nos pulmões. Pensei no amargor que sentia na bôca. Pensei:

“Será que estou fora de mim? O que foi que eu vim fazer aqui? Eu devia estar numa confortável sala aquecida, sentado numa sólida escrivaninha, escrevendo um livro. Meu Deus, tire-me desta montanha medonha e nunca mais farei alpinismo.”

As cordas ficaram para trás. Olhei e pensei: “Não falta muito . . .”

Durante horas, Alfons e eu tínhamos feito a subida na mais completa solidão. Mas de repente encontramos no meio de verdadeira multidão—eram os outros alpinistas, já de volta. Depois de uns dez minutos de manobras pela estreita passagem livre da encosta, encontramos Jim, sorridente. *Êle* e Emil tinham chegado ao pico nas quatro horas regulamentares e esperaram por mim 45 minutos.

—Não esperamos mais porque estava ficando muito frio—disse *êle*, como que se desculpando.

Sorri para *êle* (penso que sorri). Passamos um pelo outro, na estreita vereda, e *êle* se foi. Alfons e eu estávamos novamente sôzinhos. Prosseguimos palmo a palmo, passo a passo. “Aí não”, dizia Alfons, “ali”. Eu obedecia. A subida era muito íngreme—depois menos—depois nada. A neve que eu pisava era plana. Quando olhei para cima, vi apenas o sol e o céu, e Alfons que se voltava estendendo-me a mão. Mas não consegui ver-lhe o rosto, porque de repente, para surpresa minha, os meus olhos se encheram de lágrimas.

TÍNHAMOS LEVADO pouco mais de cinco horas e meia para chegar ao cume. Mas ao me encontrar pela segunda vez naquele pico nevado em pleno céu, eu não pensava em horas e sim em anos. Por um instante voltei aos meus 19 anos. Não nas pernas. Não nos braços. Tampouco nos pulmões—mas no íntimo, onde vivo. E hoje sei, como soube então, que não trocaria aquêlo momento por muitos outros da minha vida.

Naquela noite, de volta ao hotel, eu e Jim festejamos o nosso feito. Lá fora as estrêlas refulgiam e a velha montanha erguia-se imensa e sombria em tôda a sua glória.

—A setenta e sete—disse eu, erguendo o meu copo.

—Setenta e sete?—repetiu Jim.

—Mil novecentos e setenta e sete, se puder contar com a sua cooperação. É quando voltaremos aqui com o meu neto.



VANDALISMO

Eis uma rubrica que nunca se pensou vir a incluir nas páginas deste Boletim!

Com efeito, numa sociedade civilizada como é a dos nossos dias e, ainda por cima, num meio tão restrito como é o espaço ilhéu em que nos movemos, sempre julgámos poder viver em paz e segurança, labutando activa e despreocupadamente, convictos de que os princípios da sã convivência permaneceriam apanágio das nossas gentes e característica das nossas ilhas.

Todavia, de há alguns meses a esta parte, os Açores, concretamente esta Ilha Terceira, têm sido palco de actos de autêntico vandalismo, perpetrados por energúmenos que, a coberto do anonimato e da "calada" da noite, saqueiam e destroem tudo o que lhes surge pela frente, quer pertença ao domínio público quer privado.

"OS MONTANHEIROS" não foram excepção ao "heroísmo" desses ladrões, os quais já por várias vezes arrombaram as instalações de apoio ao Algar do Carvão, de onde furtaram diversos valores da Sociedade, provocando atraso nas obras em curso naquela infraestruturística, património da Ilha e da Região.

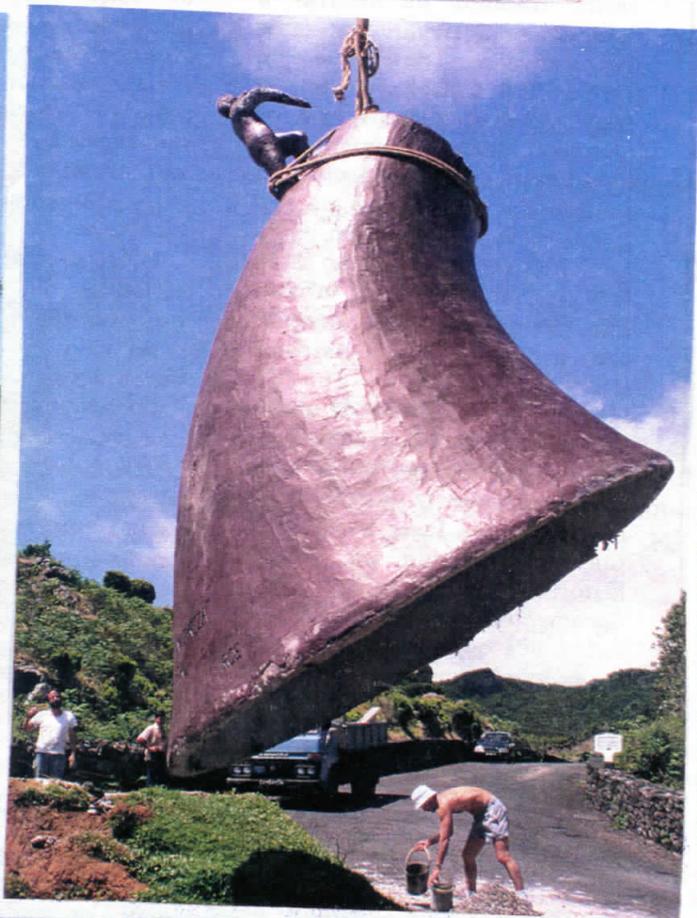
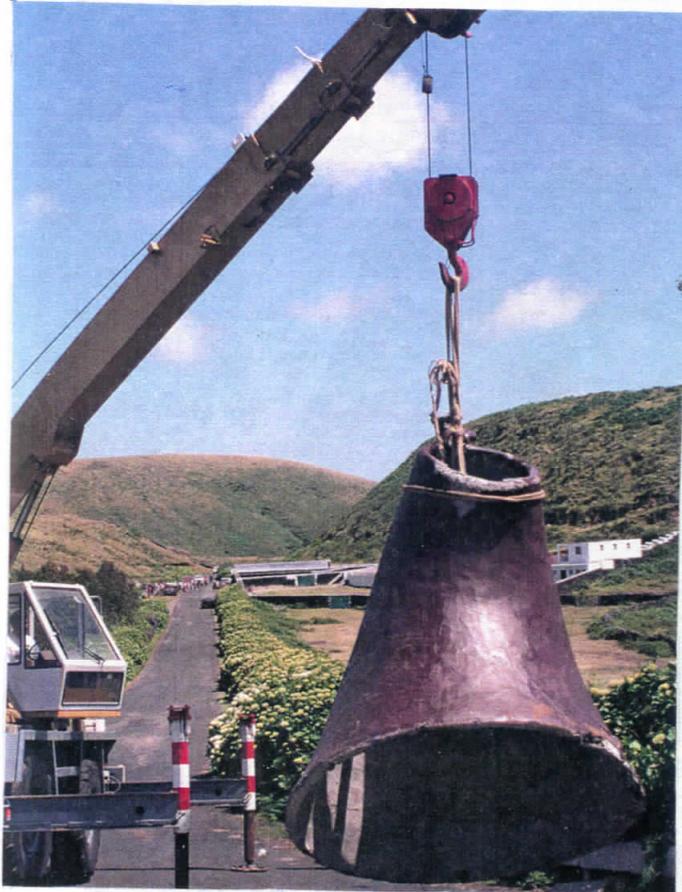
Não satisfeitos com esses furtos, esses parasitas da nossa sociedade acabam de demonstrar instintos animalescos quando, na noite-madrugada de 29 para 30 de Junho próximo passado, derrubaram o Monumento que, em meados de Abril, "OS MONTANHEIROS" haviam colocado (depois de obtido o parecer favorável das entidades competentes) no triângulo sito na confluência da Estrada do Cabrito com a do Algar do Carvão (Estrada José Ataíde da Câmara). A estrutura sofreu danos consideráveis e a reparação dos estragos jamais o restituirá à sua pureza inicial.

Quando se procedia à recolocação do Monumento (que estava tombado contra a orla da estrada), com o apoio de grua das Obras Públicas (já que se trata de estrutura com cerca de tonelada e meia), e durante as quase três horas que durou a operação, foram muitas as pessoas que por ali passaram, solidarizando-se conosco e recriminando tamanho acto de vandalismo. Aliás, muitas dessas pessoas contaram que também têm sido vítimas de actos de vândalos em suas propriedades, quiçá praticados pelo mesmo bando de energúmenos.

Aquelas pessoas, bastante ofendidas, chegaram mesmo a preconizar drásticas soluções para debelar este mal que vem invadindo a nossa sociedade.

Não vamos a tal ponto, mas pensamos que, na nossa sociedade, não existe lugar para seres humanos irracionais. Há que envidar esforços no sentido de se identificarem estes vândalos e dar-lhes o tratamento adequado - Casas de Correção, Hospitais Psiquiátricos, enfim, Estabelecimentos Prisionais.

Ou então, se os desmandos continuarem e não forem exemplarmente punidos os responsáveis, receamos que algo de grave possa vir a acontecer no futuro. A paciência tem limites!



VULCÕES QUE SURGEM
OU QUE SE APAGAM...

Procurando averiguar a origem da Terra, a Geologia toca nos problemas transcendentais da formação do Universo e do seu destino.

Se bem que se ocupe, fundamentalmente, da estrutura, composição e história da crosta terrestre, tratando de decifrar a evolução do planeta e dos seres que o povoaram, desde que este surgiu, há talvez cerca de 5000 milhões de anos, até os tempos actuais, o enigma da Geogénese e os problemas da posição da Terra entre os restantes corpos celestes, em particular do sistema solar, não estão fora dos motivos que a interessam. Tem, deste modo, ligações com a Cosmologia, a Astronomia, a Astrofísica.

Disciplina sobretudo de observação, que pode enquadrar-se no âmbito das Ciências de carácter fundamentalmente histórico, a Geologia, para fazer a reconstituição do passado, ou, seja, a história da Terra, utiliza como documentos as rochas e os terrenos, nos quais ficaram inscritos acontecimentos e acções que tiveram lugar no decurso dos tempos.

A leitura de tais documentos é, quase sempre, difícil e a interpretação, muitas vezes, complexa e arriscada. Aos fenómenos chamados de dinâmica externa, sobrepõem-se os de dinâmica interna, cujas causas se encontram no próprio seio da Terra, isto é, pertencem ao domínio da Geofísica, havendo entre eles, sempre, ou, quase sempre, interdependência estreita.

Raciocinando a quatro dimensões, pois o tempo geológico constitui elemento que, na Geologia, há que ter sempre em conta, o geólogo procura descobrir as vicissitudes por que passou a Terra na sua longa evolução, ciente de que o estado actual não é mais do que um aspecto dessa evolução e que, na essência, os fenómenos que

outrora tiveram lugar são idênticos aos que se observam hoje. É o conceito chamado de *Actualismo*.

Em suma, é o estudo do passado da Terra que constitui o fundamento da Geologia. Esta procura compreender não só a disposição dos vários terrenos no espaço, mas, também, a evolução deles no tempo.

Ao descobrir que as relações espaciais das diversas rochas correspondem a uma sucessão no tempo, os geólogos utilizaram, pela primeira vez, o método histórico.

O factor tempo, com as características de irreversibilidade que lhe são peculiares, passou a ser tido, daí em diante, como elemento primordial na própria concepção do Universo.

A contribuição da Geologia no processamento do pensamento moderno é, por isso, sobremaneira importante, visto que, tendo introduzido, verdadeiramente, esta noção nova, veio mostrar que o conhecimento do passado é essencial para a compreensão do presente, do mesmo modo que este é a chave que permite entender aquele.

Nas suas meditações e trabalho paciente, reunindo observações, juntando factos, apoiando-se no que lhe dizem os terrenos e as rochas que os formam, quer quanto à natureza e constituição, quer no que respeita à disposição relativa que ocupam, o geólogo descortina mares que avançam ou que recuam, montanhas gigantescas que se elevam ou são destruídas pela erosão, continentes que aparecem ou que desaparecem na voragem dos tempos, vulcões que surgem ou que se apagam, torrentes de lavas que alastram e explosões brutais que fazem tremer a própria terra nos seus alicerces, florestas luxuriantes que ocupam áreas enormes ou que são sepultadas debaixo de

catastróficos mantos torrenciais...

Encadeando os factos, por raciocínio indutivo, por analogia com circunstâncias conhecidas, o geólogo interpreta o que observou e imagina o mecanismo que teria dado lugar a determinada estrutura ou conjunto de estruturas. Formula hipóteses de trabalho que, de seguida, vai averiguar se se verificam ou não, recolhendo elementos novos, uns por observação directa, outros recorrendo a meios indirectos, como os que lhe podem ser facultados pelos processos de Geofísica.

C. TEIXEIRA

in: Panorama da Geologia no Âmbito do Ensino e da Investigação Científica, Lisboa, 1967.

A NASCENTE

- Onde vais tu ó límpida nascente
Que brotaste na serra
E que deslizas refrescando a terra?...
Onde vais ter, mansinha e transparente?
- Vou ter ao rio, em múrmura corrente,
E nêle me confundo,
Banhando o verde prado,
Num caminho florido e perfumado...
- E tu, ó rio, e tu, que és mais profundo,
- Onde vais ter assim, correndo o mundo?
- Vou ter ao mar, ao grande, ao largo Oceano,
Que é mais belo e mais forte,
E que seduz o pensamento humano
Com poder singular de vida e morte !...
- Vou ter ao mar, para que o mar transporte
Minhas águas ao céu vaporizando-as...
Vou levantar-me às nuvens misteriosas,
Para volver à terra, abrindo as rosas
E às fontes renovando-as !
- Volto de novo à límpida nascente
E desliso de novo até ao mar;
às nuvens subo, elevo-me no ar
E caio em chuva ... Intérmina corrente,
Onde se espelha a imagem da verdade:
- A Vida - e a Eternidade !

MARIA DE CARVALHO
("A União", 14/12/1928)

HONRA AO MÉRITO

- MEMBRO HONORARIO DA ORDEM DE MÉRITO -

No dia 10 de Junho de 1994, no decurso da comemoração nos Açores do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades, e em recepção oferecida por S.Ex^a o Ministro da República no Palácio da Madre de Deus desta ilha Terceira, à qual acorreu cerca de



um milhar de pessoas, teve lugar a atribuição de condecorações a entidades açoreanas cujo valor foi considerado mais do que suficiente para que quem de direito as decidisse galardonar.

Assim, e por decisão de S.Ex^a o Presidente da República, ouvidos os Serviços competentes, foram condecorados o padre Júlio da Rosa, o senhor Augusto (das lanchas do Corvo) e "OS MONTANHEIROS".

Não é habitual condecorar-se uma colectividade, motivo por que mais orgulha a todos nós a atribuição deste título de MEMBRO HONORARIO DA ORDEM DE MÉRITO agora concedido pela Presidência da República, e aposta pelo dr. Mário Pinto na nossa Bandeira, como as fotos documentam.

"OS MONTANHEIROS" vão continuar a trabalhar em defesa da Natureza como até aqui, agora com cada vez mais empenho e determinação.



➤ DESPORTO/AVENTURA 94

Trata-se de uma organização do INATEL, em curso desde o início do corrente ano, e que é o complemento da imensa actividade de um vasto conjunto de modalidades desportivas, entre as quais está incluída a Espeleologia.

Entre os dias 11 e 20 do próximo mês de Agosto, o INATEL organiza uma expedição vulcano-espeleológica às ilhas dos Açores (Pico, Faial e Terceira), sendo auxiliado pelos grupos espeleológicos locais, "OS MONTANHEIROS" incluídos.

➤ ROTA DO AÇOR 94

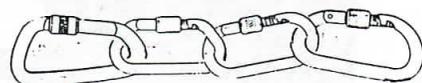
Teve o seu início no passado mês de Abril o programa de passeios anualmente organizado por "OS MONTANHEIROS" (denominado "ROTA DO AÇOR"), o qual se interrompeu nos meses de Junho, Julho e Agosto, em que as pessoas preferem a praia ao campo.

Este programa continuará no próximo dia 18 de Setembro com uma caminhada pelo local da erupção de 1761 (daí a designação de "EPI-CENTRO"), e concluir-se-á com um passeio na área da "TERRA BRAVA", no dia 2 de Outubro. No final deste último passeio, e como é tradicional, haverá uma "churrascada" de encerramento da "ROTA DO AÇOR", preparada como sempre por Mestre Jorge Silva.

➤ POISOSPEL 94

Está prevista para a 1ª quinzena de Outubro uma missão espeleológica de "OS MONTANHEIROS" à ilha de São Jorge (chamada "POISOSPEL") onde se explorarão grutas locais, para continuação da elaboração do inventário vulcano-espeleológico dos Açores.

Já foram iniciados os contactos indispensáveis para a efectivação desta expedição, que "OS MONTANHEIROS" contam levar a bom termo, como vem sendo hábito.





"BARRILÃO"

RESCALDO

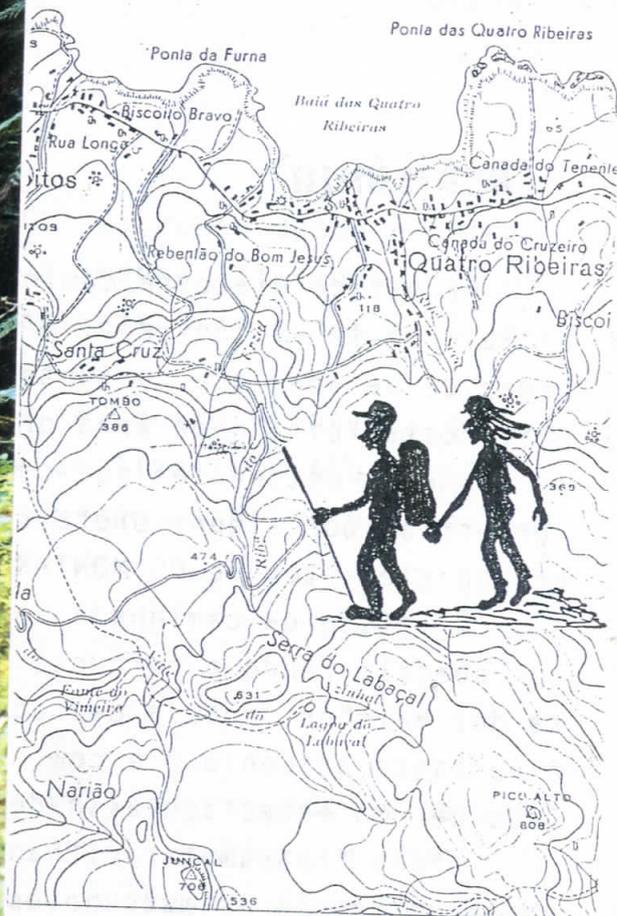
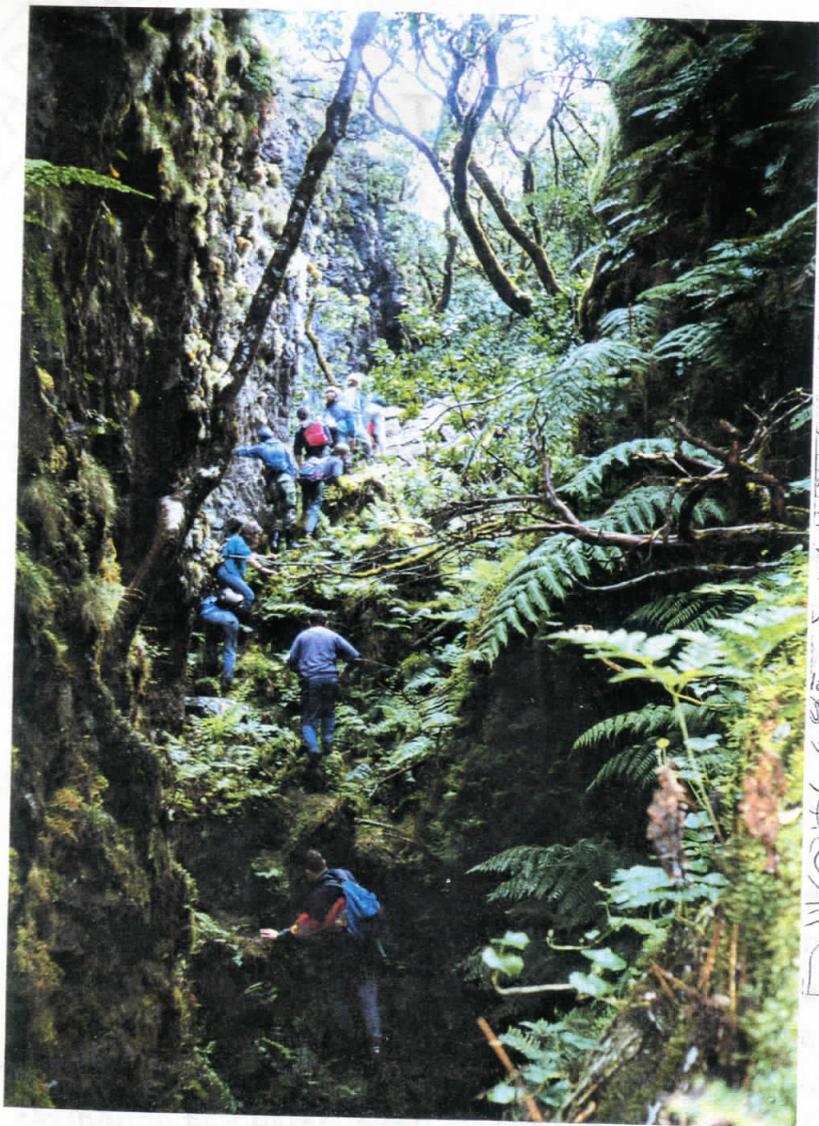
Magnífico dia para caminhadas pelo sertão terceirense esteve o 15 de Maio de 1994, convidativo para esse efeito para as quase quatro dezenas de pessoas que se juntaram para mais um passeio com OS MONTANHEIROS, desta feita numa área propícia à aquisição de conhecimentos para os inúmeros estudantes que compunham o grupo, através das explicações fornecidas por alguns professores que faziam parte da caravana e também de elementos de OS MONTANHEIROS.

O início da caminhada verificou-se pelas 10H30, no alto da Serra do Labaçal, tendo o percurso sido concluído pelas 17H00, próximo à Gruta dos Balcões, após a passagem por uma zona da ilha em que o terreno é bastante acidentado e com uma infinidade de fendas que tornam esta área de uma espectacularidade notável.

Todos ficaram maravilhados com a beleza natural que lhes foi dado observar, desde os mais novos (com doze anos de idade) até ao veterano Alfredo, embora este tenha apenas efectuado parte do percurso.

"OS MONTANHEIROS" agradecem a todos os participantes pela compostura verificada durante o passeio, com respeito pela Natureza e por aquilo de original que ela encerra. E saliente-se a disponibilidade e





boa vontade do grupo que, no final, foi obrigado a voltar ao ponto de partida.

Uma palavra de agradecimento é também devida ao Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo, pelo apoio prestado ao nível do transporte e não só.

Esta breve crónica é ilustrada com duas fotografias obtidas durante o passeio.

Refira-se que, sob o ponto de vista das condições atmosféricas, o dia esteve bom, sem nevoeiro, vento ou chuva que, este ano, tem permitido que os passeios se desenrolem como previstos.

Para finalizar, abaixo ficam os nomes daqueles que participaram na "BABILONIA".

PARTICIPANTES

ALFREDO MONIZ - ALICE ROCHA - ALVARO CABRAL - ANDREA TOSTE - ARTUR SEREJO - CARLA DUTRA - CRISTINA SANTOS - DARIO FURTADO - DIOGO VELOSO - DULCINEIA SILVA - EUGENIA AZEVEDO - FILIPE SILVEIRA - GORETTI AZEVEDO - JOAQUIM ROCHA - JORGE REGO - JOSE FICHER - JOSE MARIA - LIBANIO MASSINGA - LUCIA CHIBANTE - LUIS VASCONCELOS - LUIS PIMENTEL - MADALENA CABRAL - MARCIO MIGUEL - MARIA MANSO - MARIA MOURA - NICOLAI VAN MANEN - NUNO ALEXANDRE - PAULO MONTEIRO - RENATA ROCHA - RICARDO DIAS - ROBERTO COSTA - SANDRA PACHECO - SYLVIE CUNHA - TANIA BRASIL - TIAGO AVELAR - VICTOR SILVA - WILSON CUNHA

BIBLIOGRAFIA

"VIAGENS GEOLÓGICAS AOS AÇORES" , Mr.F.Fouqué, 1873

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Um dos mais inflentes proprietarios da ilha, descendente dos antigos capitães donatarios da Terceira, apoiou a resistencia com o prestigio do seu nome, fortuna e elevada intelligencia. Não tardou muito que não chegasse uma multidão de proscriptos ou de homens que fugiam do regimen que pesava sobre a mãe patria. Muitos voluntarios ahi affluiram de França e da Inglaterra, atraidos pelo desejo de sustentar a cauza da liberdade. No fim d'alguns mezes, e quando a esquadra de D.Miguel, bem artilhada, conduzindo 3 mil homens de desembarque, tentou um assalto na extremidade nordeste da ilha achou 150 destes bravos entrincheirados em tres pequenos fortes meio em ruinas, defendidos apenas por sete fracas, peças d'artilharia que protegiam a bahia da Villa da Praia. Um dos fortes foi tomado d'assalto, os outros dous resistiram, e os agressores, incommodados pelo fogo mortifero que sobre elles faziam os liberaes emboscados detras das rochas e bosques das elevações proximas, reembarcaram depois de soffrerem grandes perdas. Assim se passou o primeiro acto sanguinolento da luta que devia, depois de muitas peripecias, promover a queda do partido absolutista de Portugal.

O monte Brazil, não obstante as grandes massas que lhe tem sido arrancadas pelo mar conserva ainda sua primitiva forma conica; a sua posição na immediata proximidade da costa parece haver moderado a acção destruidora das vagas. A alguns kilometros para o lado do leste, os dous ilheos das cabras situados em frente da costa meridional da Ilha Terceira, apresentam um estado de destruição muito mais adelantada d'uma massa volcanica de composição analoga. Estes ilheos distam da costa algumas centenas de metros; o mais consideravel eleva-se a 160 metros pouco mais ou menos acima do nivel

do mar. Ao principio não se percebe mais que massifos de tufo irregularissimos, dos quaes as ondas desapegam e levam a seu bello prazer diariamente algum bocado; contudo, quem os examina attentamente, conhece que não só se compõe um e outro dos mesmos elementos, mas que as mesmas bardas de tufo se encontram nelles em iguaes alturas, estratificadas em camadas delgadas e dispostas nos massifos volcanicos de formação moderna. Pode-se ainda distinguir a parte da sumidade que representa cada ilheo e determinar o ponto central da cratera de que são os ultimos vestigios. As bazes de tufo sobre que assentam, convergendo dos lados para o centro, elevam-se em redor até ao ponto aonde se erguia antigamente a cumieira circular da bahia, e abatem depois para o exterior a partir d'aquella demarcação.

Não obstante o adelantado estado de ruina desta producção volcanica, pode-se affirmar que, na sua origem, o anel da cratera apresentava notaveis depressões em dous pontos oppostos; o mar augmentou estes chanfros de modo a separar difinitivamente o cone em duas metades cuja desigualdade tende principalmente a seguir a direcção predominante das correntes marinhas locais. A rasão de semelhante disposição particular está no caracter especial que apresenta a abertura do solo no primeiro lance de cada erupção. Com effeito, a fenda por onde se escapavam os gazes, os vapores, as cinzas, as materias escandescentes, é sempre uma ruptura estreita pouco mais ou menos em linha recta, cujo comprimento é variavel em extremo. Nos primeiros momentos da explosão, todas as partes da abertura dão sahida às materias volcanicas, mas a acção depressa se concentra em um ou mais pontos de ruptura. Logo que a porção inactiva da abertura se entulha pouco a

pouco por effeito dos jactos e esbroamentos os pontos onde a ruptura fica aberta alargam-se e acabam por tomarem a apparencia de outros tantos orificios, fechados por um espigão formado pelas materias que elles mesmos expelliram. A dupla depressão da borda corresponde à direcção da ruptura primitiva da erupção; são os pontos fracos d'aquella qualidade de fortificação natural; é por ahi que o mar lhe mina sobretudo os alicerces, por isso que estão expostos à furia das ondas. O intervallo existente entre os fragmentos assim separados é em partes muito pequeno, e não forma frequentemente mais que uma especie de canal muito apenas alargado no meio.

Os ilheos das cabras devem a esta configuração especial terem sido theatro d'uma singular lucta naval durante a guerra civil dos Estados Unidos. Um navio inglez, que trazia contraheando de guerra com destino aos estados do sul, vê-se perseguido, perto da Terceira pelo Kersage, vaso de guerra americano, o mesmo que, poucos mezes mais tarde afundava à vista de Cherburgo, o mui affamado corsario Alabama. Prestes a ser alcançado, occorreu-lhe aproveitar-se da disposição dos recifes das cabras para evitar ser immediatamente aprisionado. Mais pequeno e mais estreito que seu adversario, poude passar entre os dous fragmentos que o Kersage era obrigado a contornar. Deste modo, teve tempo de alijar as munições, que transportava, e não se deixou capturar senão algumas horas depois quando já não tinha a bordo objecto algum suspeito.

Os cones volcanicos assaz numerosos que se notam no interior da ilha não se semelham àquelles na proximidade da costa senão na sua configuração geral; o caracter dos elementos de que se compõem uns e outros é inteiramente differente. Se a água desempenha um papel distincto em todas as erupções, ella intervem naturalmente em menor escalla n'aquellas que teem logar fora do contacto do mar. Neste caso, o banho de materia em fusão é ainda atravessado por gazes e vapores, mas aqui nada do arrefecimento rapidp por effeito do contacto d'agua circundante, nada de modificação instantânea dos fragmentos pedregosos. Os vapores levados a uma temperatura altissima resolvem-se então como os gazes; todos os flui-

dos borbulham conjunctamente atravez da massa em fuzão, e a cada explosão projectam porções sob a forma d'uma espessa columna de fumo que de noite parece um feixe resplandescente. Os torrões q' caem e vem s'amontrar constituindo o contorno saliente da cratera são escorias seccas que se apresentam ora em fragmentos volumozos, ora reduzidos a um fino pó cinzento, semelhante a cinza. A apparencia destas dejecções depende bastante da composição chimica da materia q'as constituem.

As lavas das diversas regiões volcanicas semelham-se por certos caracteres phisicos exteriores. Todas são mais ou menos vitreas, por isso que são produzidas por via de fusão rapida; todas são porosas, em rasão de que no momento em que saem das entranhas da terra em estado liquido viscoso, os gazes e vapores que embebem dilatam-se e e constituem cellulas arredondadas.

Outras qualidades phisicas menos importantes são communs ainda a todas as lavas; mas o que sobretudo as liga entre si são as relações mais intimas. O exame a mycrosco-pio revela nellas os mesmos componentes mineralogicos, e a analyse patenteia os mesmos elementos chimicos. A silica, a alumina, a potassa, a soda, a cal, a magnezia, e o protóxido de ferro são as substancias fundamentaes que se encontram nellas constantemente em proporções variaveis. A pedra pomes branca, que a mais leve briza solta e transporta, e o basalto escuro, pezado e compacto como mineral de ferro, são productos volcanicos d'aspecto muito differente, e contudo compostos de iguaes elementos. Insignificantes variações na proporção relativa dos corpos integrantes produzem uma verdadeira transformação em muitas propriedades da rocha. Alguns centesimos de silica mais ou menos abundante na composição d'uma lava qualquer altera-lhe completamente a cor, densidade e estado de fuzão. Basta conhecer a quota de silica que qualquer destas materias conteem para poder deduzir consequencias as mais interessantes sobre o conjuncto de seus caracteres. Lava rica em silica sabe-se logo que contem grandes quantidades de potassa ou soda, e que é pobre em cal, em magnezia e em oxido de ferro; sabe-se mais que ella é as mais das vezes de cor clara, algumas vezes mesmo branca inteiramente, q'o

pezo especifico é fraco, e q' é pouco fundivel; como se não conserva o estado liquido senão a uma grande temperatura, é tão somente fluida no momento em q' sae, endurecendo immediatamente no orificio d'onde emanara. Quando esta especie de lava se espalha em alguma distancia do ponto d'onde emerge, é sempre em fluxos vplumozos. Devido à extrema viscosidade do liquido, ellas arrestam, depois da sua consolidação, materias volateis que traziam consigo. Em outros cazos, porem, os gazes e os vapores encerrados nas massas fundidas triumpham da resistencia que estas lhes oppõem, e então tem logar as explosões tanto mais violentas quanto são mais fortemente reпреzas. É em condições semelhantes que se produzem aquelles immensos jactos de pedra pomes e de cinzas pardacentas que cobrem regiões inteiras, e das quaes o vento transporta as partes mais subtis a muitas centenas de leguas. As lavas ricas em silica são geralmente asperas ao tacto, e é a rasão porque no momento da sua consolidação ellas deixam escapar myriades de bolhas microscopicas de gaz e vapor, e se appresentam crivadas d'uma infinidade de pequenas cavidades que tornam a superficie desigual e granulosa. É esta propriedade de construcção frequente nas producções volcanicas desta categoria que lhes tem dado o nome generico de lavas trachyticas (asperas ao tacto).

Ao contrario, as lavas pobres em silica contem bastante oxido de ferro, de cal, de magnesia, pouca soda e ainda menos potassa; ellas possuem uma cor carregada, são densissimas e fundem-se com facilidade. Designam-se sob a denominação commum de lavas basalticas. Em rasão da sua grande fluidez, em logar de se amontoarem, assim que são expellidas em abundancia, correm pelos declives sob a forma de compridas fitas de fogo estreitas e delgadas, ou se estendem em toalhas, se o terreno offerece um pendor suave. Logo que as correntes de lava formam uma espessura d'alguns metros, esfriam e solidificam-se promptamente na camada superior, em quanto que o interior da massa conserva ordinariamente muito tempo a fluidez. Forma-se então uma especie de cano pedregoso cheio de materia em fusão; mas raramente a algar assim produzido possui a solidez sufficiente para conservar

a inteireza das formas; na maior parte dos casos divide-se em um mosaico irregular cujas peças se desunem instantaneamente por effeito dos movimentos do liquido subjacente. Os fragmentos escoriaceos que lhe resultam são trasidos à superficie da corrente escandescida, depositam-se pouco a pouco sobre as margens, e amontoam-se à semelhança dos geleiros.

Um caso menos frequente é aquelle em que a crusta solida d'uma torrente de lava se conserva intacta ao de cima da onda abrasante que ella reveste. De vez em quando, por muitos mezes, a materia em fusão conserva-se no estado liquido quando tudo esfriara na superficie exterior da torrente. Anda-se impunemente sobre o lageado denegrido desta calçada desigual, sob a qual a lava derretida se escapa como comprida serpente de fogo. Aqui e ali emanações de gaz quente e de evaporações acidas se desagregam de qualquer fenda, revelando a elevada temperatura que existe a alguns decimetros de profundidade. No entanto, a torrente progride sempre até à extremidade; o pezo immenso da materia fluida carrega desse lado contra o obstaculo que ella mesma creara, impelle diante de si enormes massas de pedra em montzao, e caminha mysteriosamente envolvida pela crusta que vae formando à medida que avança. No começo da erupção fornece incessantemente materia destinada a substituir aquella que corre e a garganta de lava enche-se novamente; mas por fim a emissão de materia fresca suspende-se, o movimento da lava em fusão não continua senão no interior da passagem; a parte superior da torrente esvasa-se, a parte menor fica oca e por fim estabelece-se definitivamente um algar em que se pode penetrar logo que o resfriamento é completo. Far-se-há facilmente ideia do mecanismo que preside à producção destas galerias, imaginando o que se passa n'um paiz frio logo que a agua d'um canal é detida na sua passagem por um dique no rigor do inverno. A superficie da corrente d'agua cobre-se d'uma camada de gelo; por beixo, dormita uma massa aquosa ainda fluida. Se praticarmos então uma abertura na base da comporta, a agua escapa, e a toalha de gelo, se ella é bastante espessa e adherente às paredes do canal, conserva a posição que

occupava e sustenta-se sob a forma d'um tecto eriçado de stalactites sobre um vazio deixado pelo escoamento do liquido.

Os "tunnels" de lava são muito frequentes nos Açores; alguns são curtos e pouco elevados, outros tem mais d'um kilometro de extensão, e frequentemente são largos com bastantes metros d'alto. Um dos mais bellos vê-se à entrada do plateau montanhoso que domina a cidade d'Angra do lado de leste. Desce-se para elle por um orificio apertado effeito d'um esbroamento casual. Depois de se andar alguns passos por entre entulho, achamo-nos n'uma galeria quazi regular, com cerca de 10 metros de grandeza, e 5 a 6 de altura, cuja abobada de meia curvatura é guarnecida de stalactites escuros que pendem transversalmente como negros cortinados cahidos em festões. As paredes lateraes são sulcadas por molduragens com um leve pendor conforme o declive do terreno, reproduzindo-se com exactidão e na mesma altura dos dous lados do subterraneo. Estas saliencias correspondem aos pericodos d'arresto durante seu curso, e são mais ou menos pronunciados conforme o tempo de estacionamento da lava. Algumas, caprichosamente esboçadas, podem comparar-se a um trabalho delicadamente aberto a buril, outras tomam a forma de cimalthas solidas na parte superior plana e na parte inferior concava. Anda-se sobre um pavimento quasi plano, representando a ultima enxurrada de lava que correu na galeria; dobras pouco salientes, attestam pelo torneado em sentido convexo, a imperfeita consistencia e a meia solidificação que offerecia a materia da corrente para o fim do curso. Aqui e ali, encontra-se no chão pequenos montes de lava consolidados e caprichosamente recortados que gotijaram em filamentos viscosos dos stalactites da abobada. Uma grande humidade reina em toda a extensão destes subterraneos. O forro das paredes é gretado; a agua destila ou emana por cada uma destas fendas. O tunel de lava faz o effeito d'um immenso cano de drenagem; trasfega e recebe o excesso d'humidade do terreno sobreposto. Naquelle logar do elevado plateau da ilha Terceira, a agua é de tal modo abundante que forma um ribeiro em quantidade sufficiente

para por em movimento os moinhos da cidade d'Angra.

As aguas que alimentam esta corrente provem d'um vasto campo de lavas desagregadas em parte pela humidade, revestidas de lichens e musgos meio escondidos pelos tojos que aqui e ali crescem. Um cinto continuo de rochas trachyticas de cor cinzenta, dividido em prismas verticais fecha este espaço pelo sul e pelo oeste; do lado do norte eleva-se uma mole comprida e arredondada de escorias basalticas, umas nuas e aridas como se datassem d'hontem, outras cobertas de farta vegetação. O todo forma uma especie de circulo incompleto de mais de 3 kilometros de diametro, cuja abertura voltada para leste está ainda obstruida por muitas massas conicas d'erupção. É isto que chamam o caldeirão ou caldeira grande da Terceira. O estudo geologico das diversas partes d'este grande recinto demonstra que ellas foram successivamente construidas e deixam reconstruir em parte a historia das revoluções de que estes logares foram teatro.

As lavas trachyticas foram as primeiras extravasadas e formaram provavelmente na sua origem um zimborio montuoso d'onde emanaram as grossas torrentes q'descem em borbotoes desiguaes sobre as vertestes exteriores. Uma escavação inesperada entalhou este montão e retalhou verticalmente nos rochedos um abysmo guarnecido pelo lado do sul por columnatas visiveis ainda hoje. O abysmo estava hiante pelo lado do norte. É ahi que as erupções posteriores estabeleceram sua sede; é ahi que empilharam principalmente suas dejecções, elevando collinas de escorias finas de 70 a 80 metros de altura e derramando torrentes de lava basaltica, que tem entulhado e nivelado a profunda escavação.

(CONTINUA NO
PRÓXIMO NUMERO)



Para prosseguimento do inventário espeleológico dos Açores, "OS MONTANHEIROS" "atacaram" de novo a Ilha Montanha, desta feita com o objectivo prioritário de explorar a área da LOMBA DO FOGO, onde no 1º quartel do século XVIII teve lugar uma erupção vulcânica de significativa envergadura.

A missão, denominada "BOCAS DE FOGO-94", decorreu entre o dia 1 e o dia 6 de Junho, tendo este último sido dedicado à Ilha do Faial, como adiante se referirá.

Compuseram a expedição os seguintes elementos: Luis Vasconcelos, Fernando Pereira, José Maria, Manuel Aguiar, Luis Pimentel, Jorge Silva, Marcelina Alves e Alfredo Moniz.

A partida da Terceira verificou-se na manhã do dia 1, em AVIOCAR da F.A.P., com chegada à vila da Madalena cerca das 11H30. No início da tarde desse mesmo dia, começaram os trabalhos da expedição com a exploração da boca da Lomba situada junto à antena da TV, seguindo-se as restantes para montante, rumo ao Areeiro de Santa Luzia, na vertente norte da Montanha.

Toda a parte ocidental da Ilha do Pico, à volta da Montanha, é constituída por campos de lavas basálticas, emitidas quer pelos cones eruptivos secundários ali surgidos ao longo das fracturas geológicas, quer aparecidos sobre os flancos e, principalmente, na base do vulcão.

O exemplo da LOMBA DO FOGO é característico sob este ponto de vista. Esta cumeada, formada por escórias vulcânicas, compreende um alinhamento de 6 crateras; uma 7ª, vasta e profunda, situada mais acima na encosta da Montanha, funcionaria em 1718, com emissão de projecções. Com efeito, no 1º de Fevereiro desse ano (no 2º período de actividade do vulcão do Pico) aí se produziu uma erupção que durou vários meses, com emissão de cinzas por várias chaminés da vertente norte da Montanha, a cerca de 1.500 metros de altitude ("Bocas de Fogo", segundo Frederico Machado).

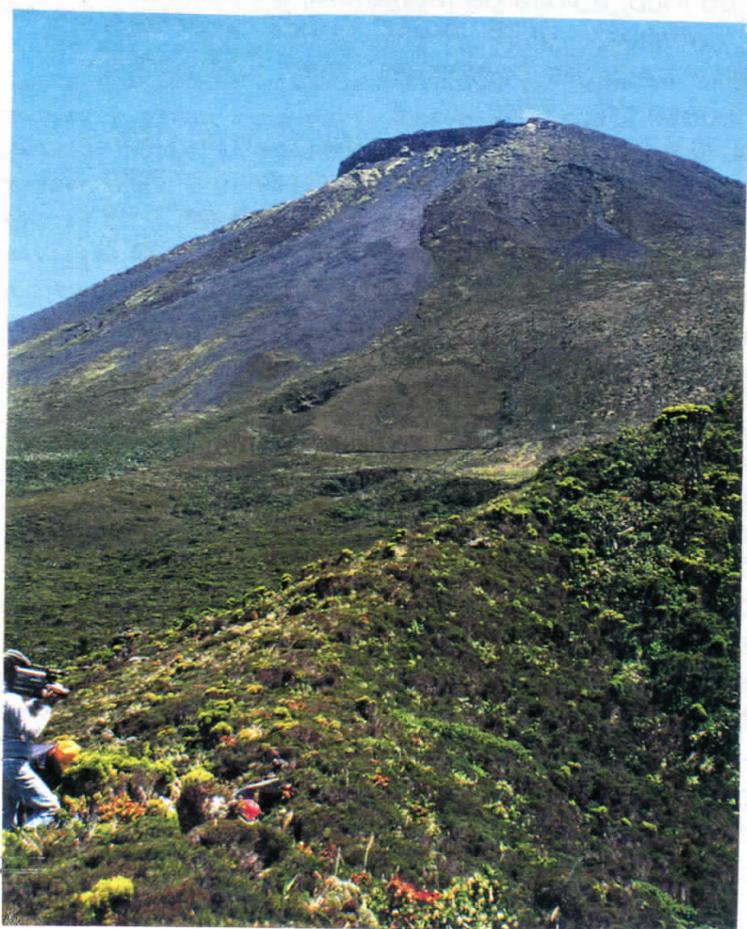
Abaixo da cratera já acima citada, localizada na base da Montanha, e que emitiu as primeiras projecções, uma saída de lavas teve lugar na noite desse mesmo dia 1, cuja corrente desceu em direcção NNW ao longo da Lomba do Fogo e envolvendo o cone vulcânico do Cabeço Redondo.

A largura deste rio de lava, com 75 metros na sua origem, atingiu quase 2 km junto aos Três Caminhos, e cerca de 1 km na costa entre o Lagido e o Cachorro. Este conjunto de correntes constitui o "Mistério de Santa Luzia", cujo comprimento total é da ordem dos 8 a 9 kms.

(No dia seguinte, 2 de Fevereiro, a actividade diminuiria nestas chaminés, mas começariam a sair correntes de lava na vertente sul, a altitudes inferiores - 300m - junto à freguesia de S. João, cuja actividade continuaria até Dezembro)



Em cima: aspecto geral da Lomba do Fogo, vista do alto. A direita: Fernando Pereira desce a uma das bocas. Em baixo: foto tirada da boca junto à Antena TV



Memoria do vulcão que rebentou na freguezia de S. João da ilha do Pico extrahida do L.º do Tombo da Matriz da Villa das Lages d'aquella ilha:

Em o 1º dia do mez de fevereiro de 1718 ao romper da manhã tremeu a terra em horribeis convulsões; ouvindo-se terriveis estrondos como de peças d'artilheria, o povo espavorido correu logo á Matriz onde a collegiada reunida começou devotas preces, sahindo em procissão com a imagem do Bom Jesus até á igreja de S. Francisco onde acharam a comunidade em exercicios de penitencia e piedade a que todos se associaram; continuando a ouvir-se os estrondos e apparecendo nos ares nuvens de cinza que inteiramente o obscurecião.

Poucas horas decorrerão em que se soube que a causa de tão horribeis phenomenos fôra um espantoso vulcão que rebentára por quatro boccas na falda da montanha do Pico, entre as freguezias de Santa Luzia e das Bandeiras, donde corria ardente lava em caudalosas ribeiras para o mar; e que os povos da freguezia de S. Matheus receando o perigo mais proximo pela abundancia de cinzas que cahiam sobre aquella freguezia, concorreram á igreja a implorar a clemencia divina, e que o seu parochio Thomé da Silveira Machão do tirando do sacrario o Santissimo Sacramento partira em devota procissão com as confrarias da igreja levando todas as imagens para a igreja de S. João Baptista, em cujo transito encontraram a terra aberta em varios logares, o que lhes difficultou a passagem. Reunidos então os povos das duas freguezias na igreja desta com seus parochios renovaram as suas preces e devoções até que pela tarde sabendo aquelles o sitio do sinistro regressaram á sua freguezia continuando os exercicios de piedade em toda esta ilha, e na do Fayal como depois se soube. Na madrugada do dia dois tendo cessado a violencia do fogo da parte do norte onde tinha rebentado, houve nova explosão no sitio da Bragada, entre as freguezias de S. Matheus e S. João nos mattos, com horribeis estrondos, e convulsões, e pela proximidade d'esta villa se tomavam mais sensiveis que da primeira vez, presageando a estes povos o juizo final. (...)

(MACEDO, Hist. das Quatro Ilhas, Tomo I, p.475)

Memoria do volcão da ilha do Pico no anno de 1718 por um anonymo lagoense:

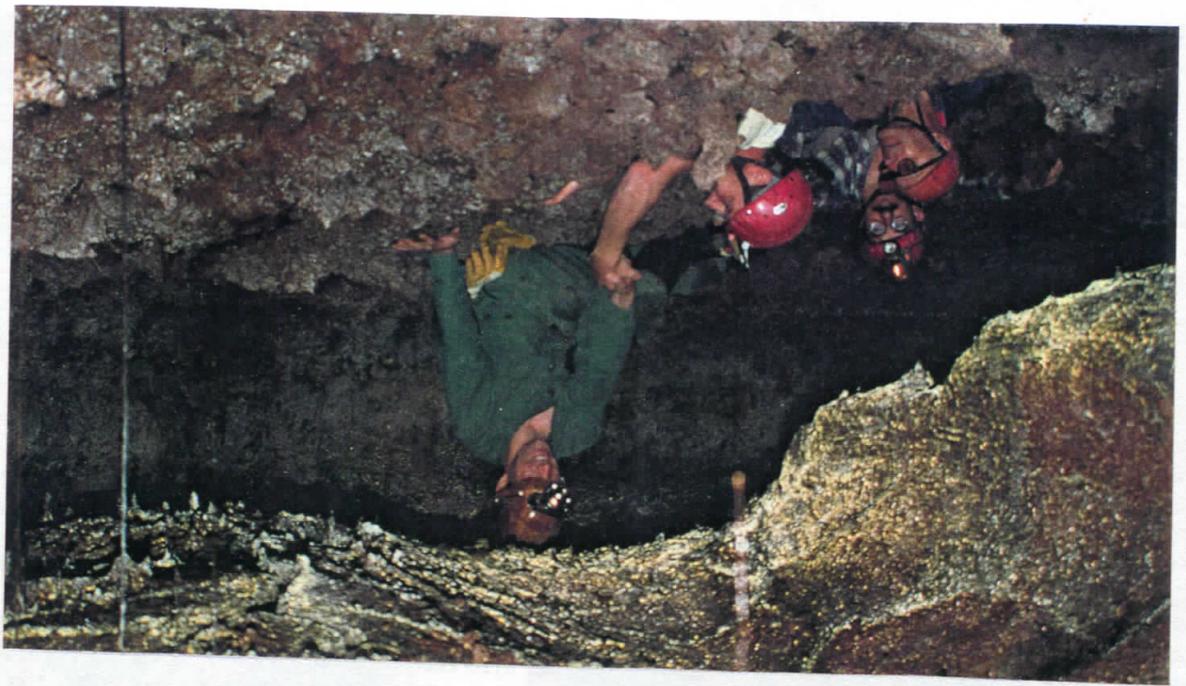
"Lastimavel lembrança da mais infausta era que virão os moradores da ilha do Pico a respeito dos fogos que n'ella rebentáram no 1º de Fevereiro de 1718.

Sendo em o 1º dia do mez de fevereiro d'este anno, ao romper da manhã, era em que se achava governando a jurisdicção d'esta SEMPRE NOBRE E LEAL Villa, com cujo nome foi sempre honrada pelos antigos monarchas d'este reino, Manuel Cardoso Machado, presidente da camara e juiz pela ordenação, natural da Villa da Praia da Ilha Terceira, Antonio d'Avila de Bettencourt, ouvidor ecclesiastico e beneficiado confirmado n'esta Matriz, Manuel da Silveira Bettencourt capitão mór e não havia n'ella sargento mór por deixação que tinha feito Alexandre da Silveira Machado do dito cargo por que tinha melhorado no estado ecclesiastico por morte da sua mulher D. Izabel Francisca da Silveira Bettencourt; de cuja deixação do cargo e nova eleição nasceram os mais ferinos odios, que considerar se pode n'esta lamentavel era parece que quiz o Ceo destruir este odioso fogo e brutal, por outro novo fogo irracional, para cuja arguição empregou a terra bruta com tremores; e para que os homens tivessem desculpa por não entenderem o avizo do castigo, que Deus lhes ameaçava, lhes prégo com linguas de fogo de madrugada, aludindo ao texto sagrado, e na sobredicta madrugada fallando-lhes Deus ainda ao longe porque lhes fallou com o fogo, que rebentou entre as freguezias da Senhora Santa Luzia e da Virgem Senhora Nossa da Boa Nova do logar das Bandeiras, deitando este fogo tantas cinzas em a freguezia de S. Matheus, que foi preciso aos seus moradores desampararem o logar, porque o presumiam mais perto de si, obrigou o terror que o reverendo vigario, que no dito tempo era Thomé da Silveira Machado tirasse o Divinissimo Sacramento e levassem as Santas imagens da sua igreja trasladadas em procissão para a igreja de S. João, cujo transito lhes custou muito a respeito das grandes gretas, com que estava aberta a terra, por onde passão em cujo templo se recolheram os moradores assim da mesma como da de S. Matheus, e os parochianos d'esta freguezia se recolheram a esta Matriz e ao Templo do Glorioso Patriarcha S. Francisco que estiveram abertos por trez dias continuos com incessantes exercicios espirituaes e gravissimas penitencias, gastando-se o dia restante dos officios divinos em procissões com as Santas imagens de todas as igrejas d'esta Villa, com semões e em especial com o Bom Jesus, cuja piedade é muito antiga, e as noutés em canticos ao Santo Rozario, disciplinas e meditações espirituaes. (...)"

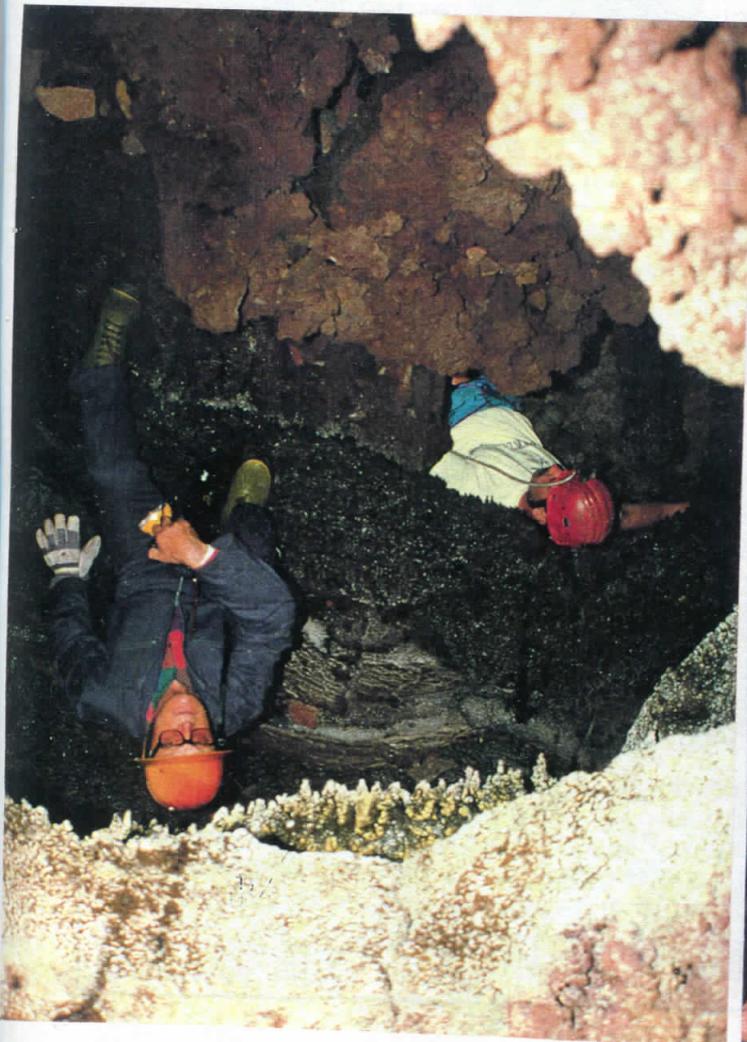
(MACEDO, Hist. das Quatro Ilhas, Tomo 3º pag.183)

Foi a LOMBA DO FOGO o "cenário" escolhido por "OS MONTANHEIROS" para ponto fulcral da expedição, já que se desconhecia o efeito no terreno da terrível erupção de 1/2/1718.

Durante a tarde do dia 1 de Junho a equipa deslocou-se para o local, tendo examinado as crateras resultantes da erupção, sendo exploradas as três bocas que mais "prometiam", dada a sua profundidade (A - no mapa).



A esquerda(ao lado e em cima):
dois aspectos da gruta do ca-
beço da Negra. Em cima e em
baixo: explorando a gruta do
Sumidouro, na Candelária.



19

Como normalmente ocorre nestes casos, trata-se de algares naturalmente obstruídos por desabamentos acontecidos logo após a erupção ou em época posterior, notando-se nos mesmos fendas denunciadoras da fractura geológica que percorre a LOMBA.

Esta tarefa decorreu numa magnífica tarde, permitindo à equipa usufruir o ar puro da montanha e a bela panorâmica que se divisa desde os cerca de 1.500m acima do nível do mar, junto ao Areeiro de Santa Luzia. Eram quase 20H00 quando se encerraram os trabalhos exploratórios deste primeiro dia, ficando apenas por observar a boca inferior da Lomba.

O dia 2 de Junho, feriado, apresentou-se-nos com a Montanha coberta de nuvens, descendo o nevoeiro até quase aos 200m. Desaconselhável, assim, a ida para alta Montanha, dirigimo-nos para a freguesia da Candelária, onde se começou por explorar o Cabeço da Negra, ao Campo Raso, mais concretamente um "buraco" surgido em virtude do impacto das máquinas que retiravam bagacina do morro (B - no mapa).

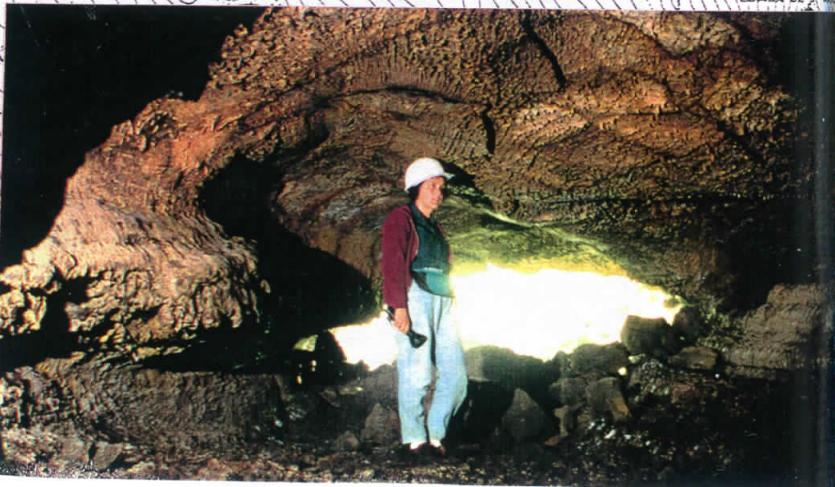
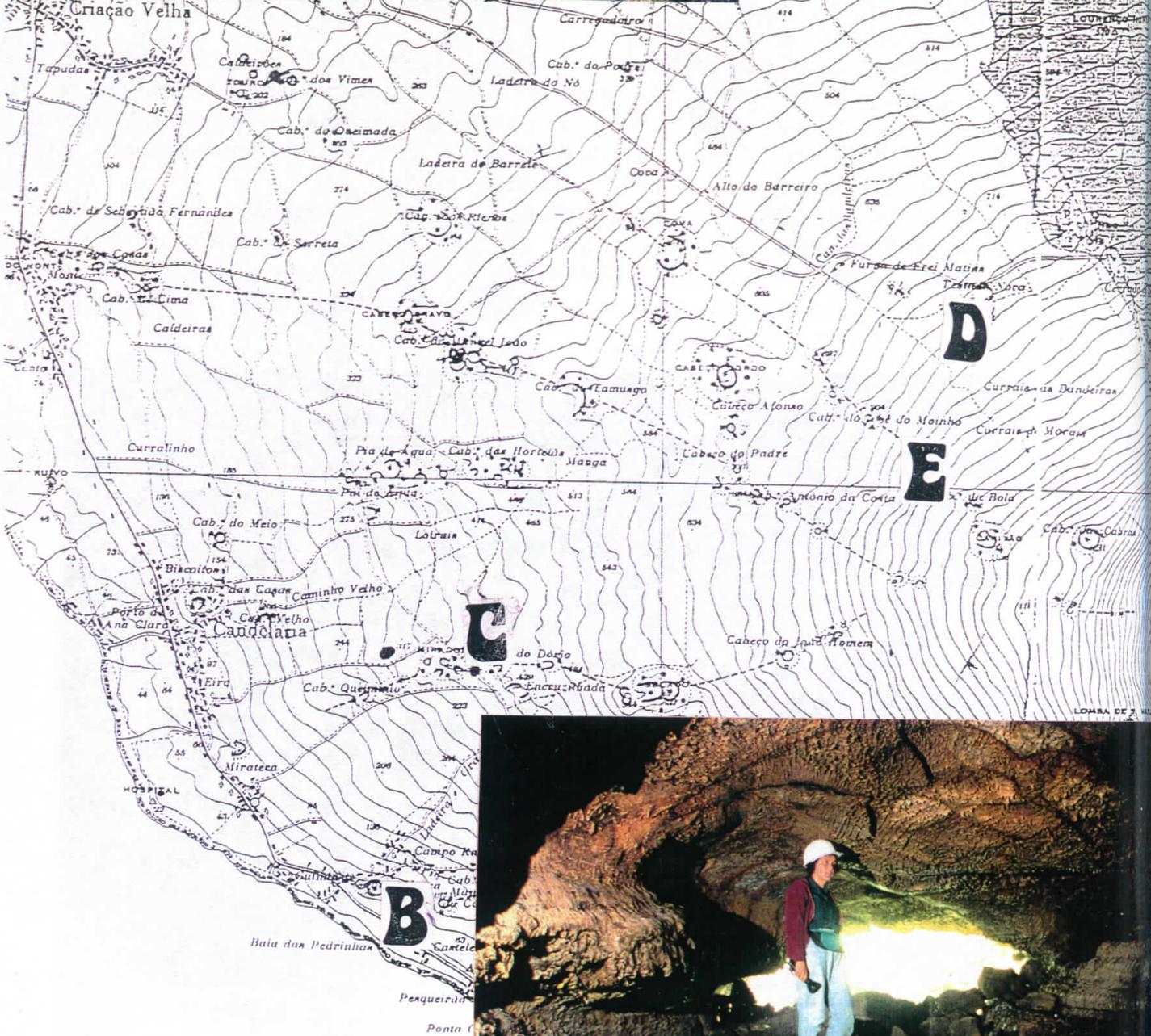
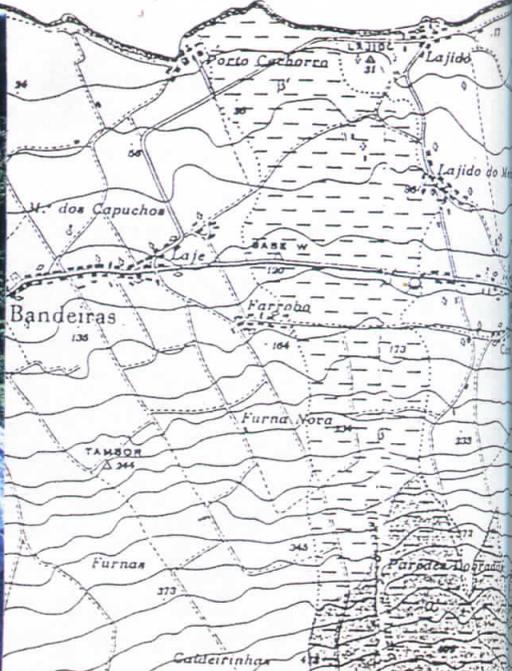
Trata-se de um tubo lávico formado pela corrente que saíu do Cabeço da Negra, não dando contudo ligação ao Algar deste, devido a desabamento talvez ocasionado pelos movimentos humanos que "descascaram" o Cabeço, nem tendo continuação para jusante, provavelmente pelo mesmo motivo.

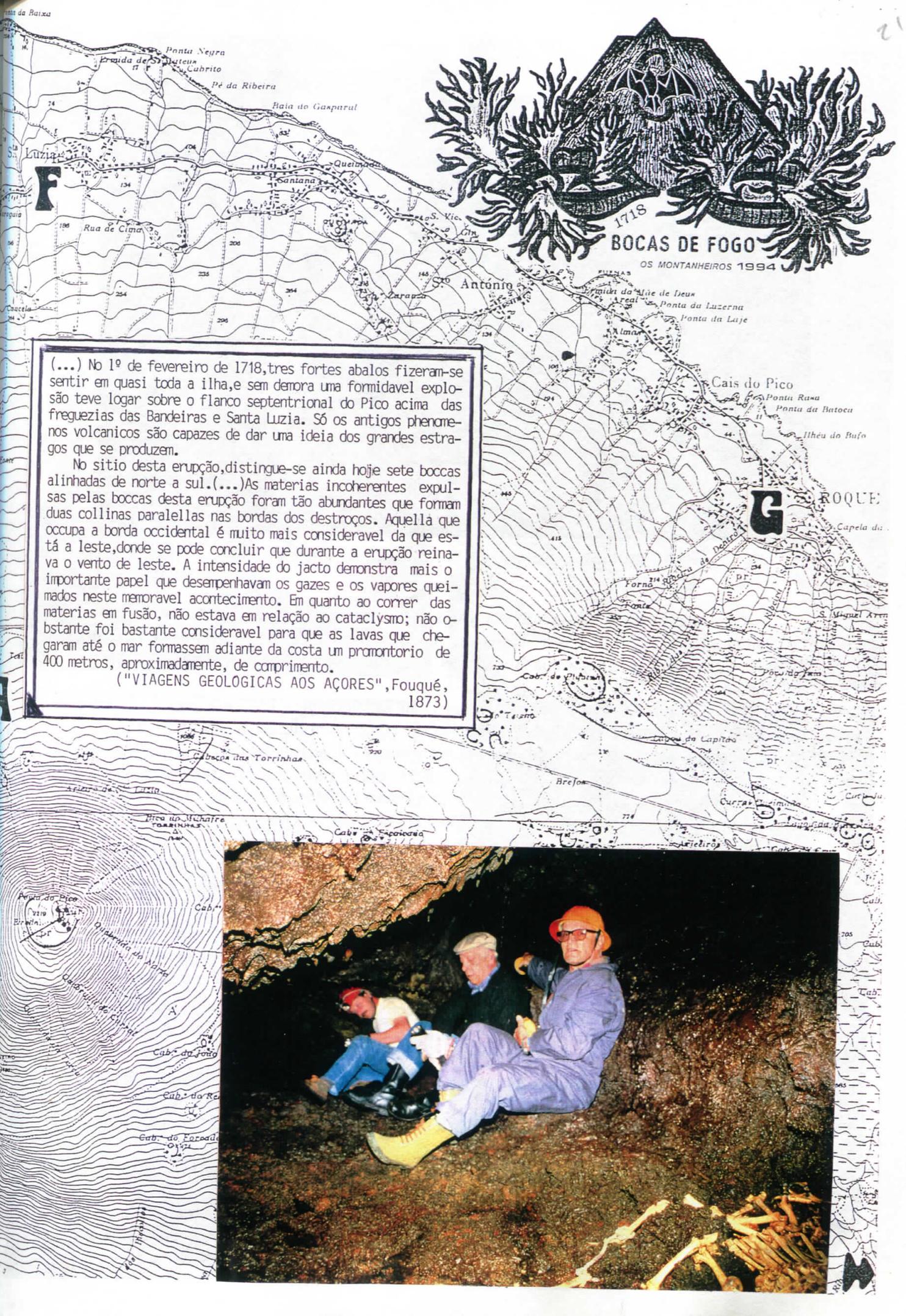
O remanescente do dia 2 de Junho foi dedicado a pesquisa e exploração sumária de vários tubos vulcânicos situados na mesma freguesia da Candelária, em propriedades do senhor José da Silva (que no-los foi indicar , mesmo debaixo de intenso nevoeiro) e não só. Foram examinadas pela rama meia dúzia de grutas, duas das quais bem interessantes, o que ocuparia a equipa até às 19H00 (C - no mapa).

O dia 3 de Junho foi inteiramente dedicado a filmagens, precisamente desses dois tubos de lava e ainda da gruta do Cabeço da Negra. Filmar uma gruta é um trabalho cansativo, exigindo empenho e espírito de sacrifício, já que transportar gerador e estender fios, às vezes por distâncias consideráveis e de alguma dificuldade, não é tarefa que se faça num abrir e fechar de projectores.



Um aspecto do pavimento de uma galeria da Gruta do Sumidouro

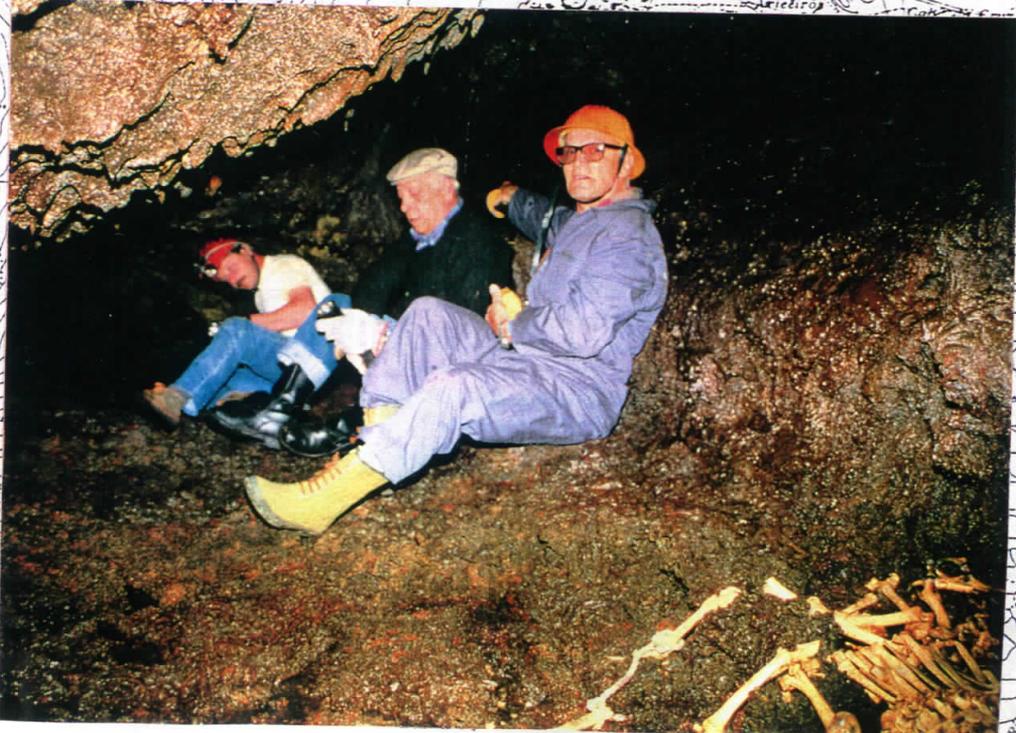




(...) No 1º de fevereiro de 1718, tres fortes abalos fizeram-se sentir em quasi toda a ilha, e sem demora uma formidavel explosão teve logar sobre o flanco septentrional do Pico acima das freguezias das Bandeiras e Santa Luzia. Só os antigos phenomenos volcanicos são capazes de dar uma ideia dos grandes estragos que se produzem.

No sitio desta erupção, distingue-se ainda hoje sete boccas alinhadas de norte a sul. (...) As materias incoherentes expulsas pelas boccas desta erupção foram tão abundantes que formam duas collinas paralellas nas bordas dos destroços. Aquella que occupa a borda occidental é muito mais consideravel da que está a leste, donde se pode concluir que durante a erupção reinava o vento de leste. A intensidade do jacto demonstra mais o importante papel que desempenhavam os gazes e os vapores queimados neste memoravel acontecimento. Em quanto ao correr das materias em fusão, não estava em relação ao cataclysmo; não obstante foi bastante consideravel para que as lavas que chegaram até o mar formassem adiante da costa um promontorio de 400 metros, aproximadamente, de comprimento.

("VIAGENS GEOLOGICAS AOS AÇORES", Fouqué, 1873)





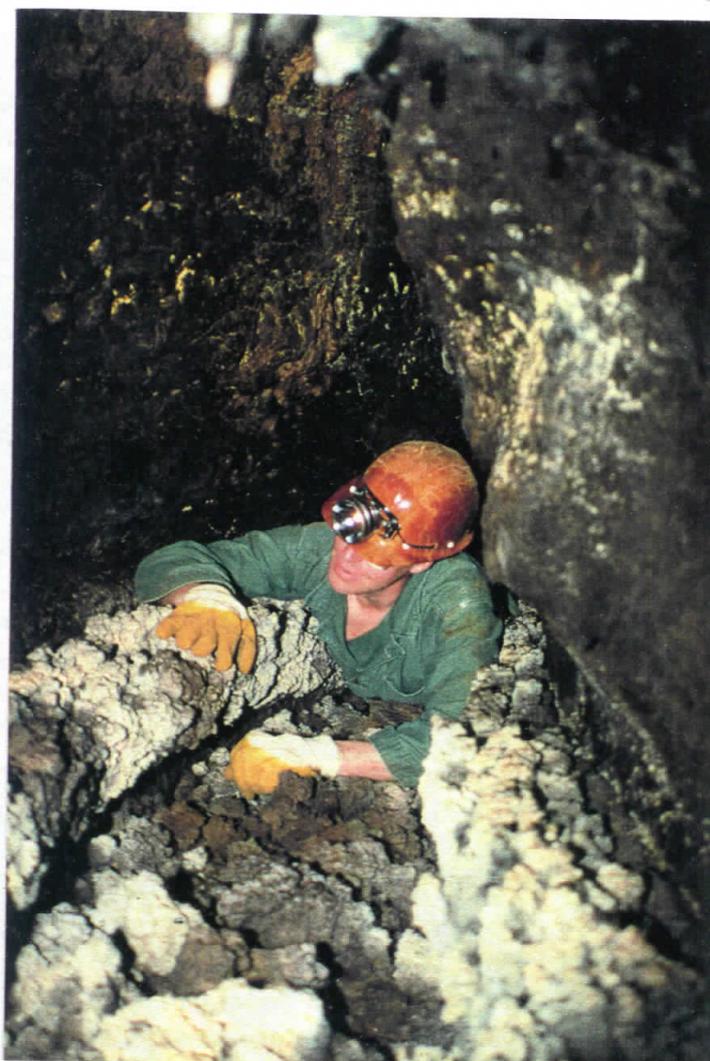
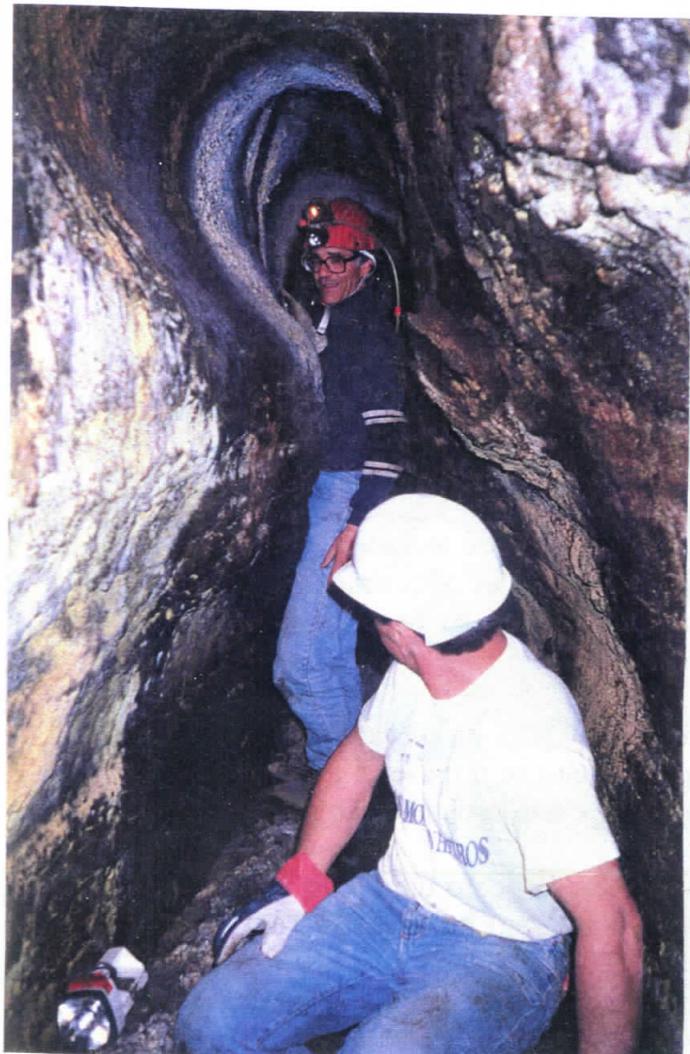
Um aspecto da principal galeria da Gruta do Sumidouro

Começaram-se as filmagens pela gruta do Cabeço da Negra, seguindo-se a Gruta do Sumidouro e a Gruta das Laranjeiras, tendo-se concluído os trabalhos cerca das 19H00, recolhendo a equipa aos Bombeiros Voluntários da Madalena, onde a maioria dos elementos pernitoou durante a expedição-

No sábado, dia 4, e na rota de expedição espeleológica realizada cerca de um quarto de século antes, "OS MONTANHEIROS" resolveram descer o Algar do Alto do Morais, situado acima da Furna de Frei Matias, junto à Canada do Mato (D - no mapa). A empresa ocupou a equipa durante a manhã desse dia, e princípio da tarde, rumando-se depois para Santa Luzia, onde se viria a visitar a Furna de Manuel José de Lima, também objecto de exploração pela referida expedição (F - no mapa). Quanto a esta, encontra-se em mau estado, talvez como consequência dos trabalhos de alargamento da estrada corrente, junto da qual se localiza a entrada para a Furna, que logo a seguir, para jusante, está obstruída por desabamento do tecto mesmo por debaixo da casa que (ao que nos informaram) foi de Manuel José de Lima e, hoje, em estado de abandono.

Entretanto, a caminho de Santa Luzia, passara-se pela entrada principal da Furna dos Vimes, que não fora explorada aquando da anterior expedição "Speleovimes-93" (E - no mapa), e que, o Albino Garcia localizou. Em 1993, havíamos estado mesmo ao lado dela, mas a densa vegetação impedira a respectiva visibilidade. Desta feita, tivemos ocasião de verificar a imponência do local outrora descrito por Ernesto Rebelo (como já noticiámos em "Pingo de Lava"). Mas, "não há bela sem senão...": junto à entrada, para montante, a lixeira faz-se ver, e sobretudo sentir, já que acolá abunda um cheiro pestilento, proveniente de animais em decomposição. Para jusante, a Furna está entulhada com toneladas de terra que a mão do homem fez penetrar pelo tecto da gruta quando se "amanhou" o terreno que fica por cima.

É uma pena que se verifiquem estas graves anomalias, já que a história da gruta e o fácil acesso às respectivas entradas, aconselharia a que se pudesse transformar a zona num local da Ilha a colocar à disposição do turismo e não só. Filmou-se esta área e os 20 metros do tubo para jusante, até ao entulhamento, tarefa em que fomos auxiliados pelo



Em cima(esquerda e direita): "Os Montanheiros" na Gruta da Laranjeira. Em baixo: carregando o gerador. A direita: os 4 avôzinhos do Apocafurnas (Alfredo, Tirana, Furtado e Silva) nas matas do Pico.



picoense Albino Castro, já velho conhecido nosso aquando da "Missão Torres -91" em que, sozinho, transportou o gerador às costas, num percurso de cerca de 100m, tarefa que, normalmente, é desempenhada por quatro pessoas.

No domingo, dia 5, a equipa rumou para a freguesia das Bandeiras, onde procurou e encontrou outro velho amigo, o mestre "Tirana", a fim de nos guiar até à freguesia de Santa Luzia, na tentativa de localização de grutas. Mestre "Tirana", já com 70 anos de idade, socorreu-se de um velho compatriota, o senhor Furtado que, com os seus 83 anos conosco caminhou Maragaia acima, onde nos mostrou a entrada da Gruta dos Castelhanos, que será objecto de exploração em próxima oportunidade, já que o tempo urgia e estava programada a filmagem da Gruta do Capitão Mor, em São Roque.

A entrada para a Gruta do Capitão Mor fica encravada em habitações, em plena Vila, em prédio actualmente devoluto e, por via disso, depósito de lixo e envolvida em autêntico matagal, o qual foi necessário desbravar até se atingir a boca da gruta (G - no mapa). Trata-se de uma gruta muito interessante e de amplas dimensões, mesmo a calhar para servir de atractivo turístico à vila de São Roque, assim o queiram os respectivos municípios. Por se encontrar em área residencial, há que envidar os esforços necessários para se evitar que futuras construções humanas derrubem o tecto da gruta e inviabilizem os bons propósitos acima referidos.

"OS MONTANHEIROS" filmaram cerca de 130m da gruta, para montante, e disponibilizarão as respectivas imagens a quem de direito se dispuser à tarefa de criar as necessárias infraestruturas para abertura ao público (e que mais não são do que limpeza da zona e electrificação da gruta).

E terminaram aqui os trabalhos na Ilha do Pico, já que o último dia da expedição foi inteiramente dedicado à Ilha do Faial, como previamente se acordara com o senhor presidente da Câmara da Horta.

Toda a equipa partiu para a Horta, a bordo do Cruzeiro do Canal, pelas 08H30. Meia-hora depois foi o desembarque e o encontro com alguns elementos da "AZÓRICA", recém-criada associação, que tamsém pretende conter uma vertente espeleológica, embora se destine fundamentalmente à defesa do meio-ambiente. Manifestaram interesse em recolher alguns dados relativos à Espeleologia juntou de nós, o que, na medida do possível, foi satisfeito.

Em viatura gentilmente posta à nossa disposição pela Câmara Municipal, a equipa dirigiu-se ao Varadouro, a fim de estabelecer contacto previamente determinado, que nos levaria às furnas a explorar no Cruzeiro, ao Capelo. Assim aconteceu, embora depois se verificasse que as furnas não eram mais do que pequenas cavidades com muito pouco interesse (e também com algum lixo, por se situarem em zona habitacional). Ficou por explorar uma das furnas, já que a pessoa que conhecia a respectiva entrada não estava disponível nesse dia.

Rumou-se, então, para os Capelinhos, tendo-se subido ao Cabeço do Canto, a fim de visitar furna ali existente, e já anteriormente explorada. Desta feita, tiraram-se algumas fotos, mas, infelizmente, o rolo da máquina não girou, pelo que se continua sem registo fotográfico da gruta.

Daí, seguiu-se para a Caldeira, onde, após almoço volante junto à antena da TV (pão de milho com queijo, e sumos) desceu-se a encosta SW interior da cratera, rumo a detecção efectuada em 1993 e que indiciava uma cavidade vulcânica. Todavia, para se alcançar o objectivo, a corda de 100m que tínhamos revelou-se insuficiente (seria necessário, pelo menos, outro tanto de corda), pelo que não se concretizaram as nossas intenções. Poderá ser esta cavidade um dos pontos a explorar pela futura equipa de espeleologia da AZÓRICA.

Dirigimo-nos, então, para o Parque do Capelo, onde os Serviços Florestais estão a fazer excelente trabalho. Situado em zona de mistério vulcânico, nele se detectaram algumas pequenas grutas (tipo "tubos de superfície"), as quais poderão constituir polo



Em cima: o "rei" na
Caldeira do Faial.
A direita: a equipa
que se deslocou ao
Pico, com o José Ma-
ria, nosso condutor.
Em baixo: à chegada,
na BA4, fim da etapa



mínimo de atracção a quem se disponha utilizar o Parque. Outras certamente existirão naquela área, porventura de maior dimensão do que as encontradas, pelo que seria interessante que os espeleólogos da AZÓRICA investigassem este Mistério do Capelo, bem como o Mistério da Prainha que também deverá conter tubos vulcânicos com alguma importância.

E, pronto. Aproximava-se a hora do barco para o Pico, e regressou-se, assim, à doca da Horta onde, às 19H00, a bordo da velha Espalamaca, rumámos à Madalena. A partida para a Terceira, a bordo do AVIOCAR da F.A.P. teria lugar no dia seguinte, 7 de Junho, de manhã.

E ficaram, assim, aqui resumidos os trabalhos da expedição "BOCAS DE FOGO - 94", levada a bom termo pela equipa de "OS MONTANHEIROS" como, felizmente, sempre tem acontecido.

"Na Ilha do Pico sujeita á Coroa de Portugal, huma das dos Açores, celebre pela altura do seu pico, de quem toma o nome, tão elevado que do meyo d'elle se vê a parte superior das nuvens, se sentirão por muitos dias grandes tremores na terra, e uns estrondos de afflicção, e de medo entendião que cahia o Ceo, e se acabava o mundo. No fim d'estes ruidos subterraneos, a que elles chamão trovões secos, arreventou no mais alto do Pico huma fonte de fogo, ou de polme de materiaes betuminosos ardentes, e illuminados, da qual se derivárão dous rios, que forão descendo para o mar pela parte do Sul, cercado as freguezias de S. Matheos e da Magdalena, em que ha dous lugares muy populosos, estragando nestes dous sitios seis mil moyos de vinhas. Ouvia-se o estrondo, e via-se o incendio das Ilhas de S. Jorge, e Fayal, e d'esta ultima se mandárão embarcaçoens apenas pela justiça, para salvar os habitantes que se achávão cercados d'esta horrivel inundação.

Depois em tres de Fevreyro d'este anno sahirão do alto de hum monte, situado nas fraldas do mesmo Pico, tres rios de fogo, que correndo para a parte do Norte, se ajuntárão no districto de Villa nova de S. Roque e com largura de dez até doze braças foy descendo para o mar, duas legoas distante d'esta nova fonte, com tanta porção de materia, que gastou tres dias n'este curso destruindo grande quantidade de vinhas, e duas ou tres adegas, mas não fez damno em povoação alguma, pelo guiar a providencia por paiz deserto. Foy tanta a quantidade de materiaes de que se evacuou este monte, que acrescentou a Ilha perto de sessenta braças sobre o mar em forma de huma ponte; onde depois de apagadas as chamas com que corria, se descobrem sòmente pedras queymadas, de que o fojjo subterraneo consumio as veas mineraes. Sahio na costa d'esta Ilha, e na do Fayal grande quantidade de peyxes, a que matou, e assou o fogo: e as Cameras os mandárão enterrar, para evitar o damno que podia causar nos povos a sua corrupção. Assim consta por informaçoens, e cartas de pessoas fidedignas das mesmas Ilhas. Na Terceyra se sentio tambem o estrondo, mas com ecco mais remoto."

("Brados do Ceo á insensibilidade dos Homens", por J.F.M.M., Lisboa, 1718, pag.29)

OS NOSSOS AGRADECIMENTOS

"OS MONTANHEIROS" agradecem a todas as pessoas ou entidades que, directa ou indirectamente, contribuíram para que fosse possível levar a efeito a expedição "BOCAS DE FOGO-94", designadamente: Comando da Força Aérea da BA4 e tripulação do Aviocar (capitão Fonseca, alferes Rego, 1^{os} sargentos Cabacinho e Trindade, e major Gaspar); Bombeiros Voluntários da Madalena; eng^o José Andrade Ferreira; Albino Garcia; Câmara Municipal da Horta; Câmara Municipal de Angra do Heroísmo; Direcção Regional dos Assuntos Culturais; Direcção do Centro de Saúde de Angra; Direcção dos Serviços Municipalizados de Angra; e, claro, José Eduardo Nunes (José Maria) que teve a paciência de nos conduzir durante toda a expedição. A todos, MUITO OBRIGADO!

NOMENCLATURA GEOGRÁFICA DAS ILHAS DOS AÇORES

(SUBSÍDIO)

ARQUIVO AÇORIANO, vol. 16.º, p. 5, 1971

Quando os primeiros portugueses aportaram às ilhas dos Açores, depararam aqui com terras essencialmente vulcânicas, bem diferentes das de Portugal. Aos acidentes geográficos que lhes eram desconhecidos deram nomes vários, que se conservam ainda hoje e com os quais tem de familiarizar-se qualquer pessoa estranha ao arquipélago que queira estudar a fisiografia das ilhas.

Com este artigo pretendemos facilitar esse trabalho. Não é completa a enumeração que fazemos, nem porventura isenta de reparo uma ou outra das afirmações aqui contidas. De uma maneira geral, porém, creio que se poderá confiar neste trabalho, que é uma compilação de notas que temos tomado em viagens numerosas por todas as ilhas do arquipélago, de há bastantes anos para cá.

1. O relevo predominante nos Açores é constituído pelo arcaboço, geralmente bem conservado, de antigos vulcões, agora adormecidos, com seus cones adjacentes.

Estes vulcões apresentam-se na sua maioria sob a forma de *caldeiras* e deste modo são muitos deles designados, sem outra especificação. Assim existem, a Caldeira, na Terceira, a Caldeira, na Graciosa, a Caldeira, no Faial. A caldeira da ilha do Corvo tem o nome de *Caldeirão*. Alguns vulcões com caldeiras são designados pelo nome de *serra*, como, por exemplo, a Serra de Santa Bárbara, na ilha Terceira, a Serra de Água de Pau, em S. Miguel. Esta designação de *serra* é também aplicada, e com muito mais propiedade, a dorsos montanhosos que em muitos casos parecem não ser outra coisa senão fragmentos de antigas orlas de caldeiras; outras vezes são resultantes da acumulação de materiais vulcânicos no eixo de extensas fendas que lhes deram saída. Temos nesta categoria a Serra dos Graminhais, em S. Miguel, a Serra da Ribeirinha, a Serra de Santiago, a Serra do Cume da Praia, na Terceira, a Serra Branca e a Serra das Fontes, na Graciosa. A Serra Gorda, em S. Miguel, não é mais do que um pico, na acepção comum do termo nas ilhas.

2. Um único vulcão do arquipélago apresenta a forma dum cone quase perfeito. É o que deu o nome à ilha do Pico. A designação de *pico* é porém aplicada, não só a numerosos cones secundários que borbulham em torno dos vulcões principais, mas ainda a muitas elevações de terreno, de outra origem, mesmo que não tenham a forma que o nome indica. Os picos são sem conta em todas as ilhas, desde o imponente pico da Vara, a mais alta montanha de S. Miguel, até aos *piquinhos* que cercam a Caldeira, na Terceira.

Na ilha do Pico chamam *cabeços* aos cones que rodeiam o Pico grande e reservam o nome de picos para outras elevações mais avantajadas, como é por exemplo o pico do Topo, perto das Lages, com cerca de 1 600 metros de altitude. Ao pequeno cone que se eleva dentro da cratera que encima o Pico grande, chamam Pico Pequeno. No Faial também dão de preferência o nome de cabeços àquilo que nas outras ilhas se chama picos.

Algumas vezes aparece também a designação de *morro* aplicada a uma montanha em que o nome de pico seria descabido. Assim a mais alta elevação da ilha das Flores é o Morro Grande. Há o Morro de Castelo Branco e o Morro da Artilha-

ria, no Faial. O Morro das Velas, em São Jorge, não é outra coisa senão uma península formada por um cone vulcânico.

O nome de *monte* aplica-se mais raramente e, em geral, com pouca propriedade. O Monte da Guia, no Faial e o Monte Brasil, na Terceira, são penínsulas, em tudo semelhantes ao Morro das Velas. O Monte Queimado e o Monte das Moças, no Faial, são simples outeiros. No Faial, aliás, encontramos elevações a que nas outras ilhas se chamaria picos, designados umas vezes por cabeços, outras por montes e às vezes por morros. Esta variedade não existe nas outras ilhas onde quase todos os montes são picos. Outeiro é designação muito rara nas ilhas. Colina não é termo usado.

3. Os contrafortes das montanhas mais elevadas estendem-se muitas vezes por largo espaço, apresentando cumieiras arredondadas. Chamam-se, então, *lombas*. Há várias lombas em S. Miguel, no Faial e nas Flores, que deram nome a povoados.

As depressões do terreno, à parte as caldeiras, não têm designações especiais. O próprio nome de *vale* não é frequente nas ilhas e, como acontece com outros termos geográficos, nem sempre é aplicado com propriedade. O Vale das Furnas, em S. Miguel, não é mais do que parte duma antiga caldeira. O Vale da Povoação, na mesma ilha, é uma grande bacia, de perímetro semicircular.

O próprio termo *Caldeira*, que parece ter sido primitivamente aplicado apenas às grandes crateras, cujas dimensões são muito grandes em relação à altura das paredes que as encerram, esse mesmo termo está por tal forma generalizado, que qualquer cratera, grande ou pequena, é uma caldeira, logo que tenha uma certa profundidade. E a par do termo *caldeira*, aparecem *caldeirinha* e *caldeirão*, sem que este último aliás designe muitas vezes uma caldeira grande. A um algar da ilha de S. Miguel, que tem pouco mais de duas dezenas de metros de diâmetro da boca, chamam Caldeirão da Ribeira Grande. Chamam-se caldeiras os buracos, de forma mais ou menos circular, e de pequenas dimensões (três ou quatro metros, ou menos) por onde jorra a água dos «geysers» na ilha de S. Miguel. As Caldeiras da Ribeira Grande são simples fontes termais com fumarolas. E as fumarolas da Lagoa das Furnas são chamadas as Caldeiras da Lagoa.

4. O termo *furna* é aplicado, na sua verdadeira acepção, às cavidades mais ou menos horizontais que são frequentes nos terrenos vulcânicos. Há furnas em todas as ilhas e por toda a parte. Em S. Miguel, porém, deram o nome de furnas às caldeiras de água a ferver a que atrás nos referimos, e o local onde elas se encontram é o Vale das Furnas; a lagoa que lhe fica adjacente é a Lagoa das Furnas.

Na Graciosa há uma célebre caverna no fundo da Caldeira com um comprimento de 180 metros e uma largura de 160, atingindo 60 metros na sua máxima altura, a que se dá o nome de Furna do Enxofre, por lá existir uma solfatara. Na Terceira há umas fumarolas que também se chamam Furnas do Enxofre.

Muitas furnas são situadas à beira-mar e os barcos podem lá entrar à vontade, como é, por exemplo, a Furna dos Enxareus, perto de Santa Cruz das Flores. Na ilha de Santa Maria, perto do lugar dos Anjos, há uma furna extensa, onde os habitantes se escondiam dos corsários.

Existem também por todas as ilhas buracos mais ou menos verticais, por vezes muito profundos, que eram, na sua maioria, respiradouros dos vulcões e a que se chama *algares*. Há na Terceira o Algar do Carvão, com muitas dezenas de metros de profundidade.

5. Não abundam as planícies em terrenos tão convulsionados pelos agentes vulcânicos, como são os dos Açores. Se se encontram no interior de qualquer ilha tem geralmente o nome de *achadas*, menos vezes o de *chã*. Há uma Achada na Terceira, há a Achada das Furnas, em S. Miguel, e uma Achadinha, na mesma ilha. Nas Flores há uma extensa planície, encharcada, a que dão o nome de Rochão do Junco, querendo-nos parecer, porém, que a designação primitiva deveria ter sido *rechã* do Junco. Há um *Rochão* em S. Miguel, que é um monte isolado e que parece ter sido assim chamado com o intuito de indicar que se trata duma rocha elevada, um rochão. Em Santa Maria há também um *Rochão*.

6. As planícies formadas na base das rochas, por acumulação de materiais caídos das mesmas, chamam-se *fajãs*. Também se formam fajãs nas embocaduras das ribeiras pela aglomeração de materiais arrastados por elas. Há ainda fajãs no interior das ilhas, formadas pelos terrenos que se despenham das montanhas. Nos Açores isto não é muito comum, mas na Madeira é relativamente frequente.

A queda de terras e rochas produz nas montanhas ou nas costas aquilo a que se chama *quebradas*, que são rochas cortadas quase a prumo e escavadas. Por baixo das quebradas existem muitas vezes fajãs.

7. O relevo das ilhas dos Açores não permite, em geral, a existência de cursos de água permanentes. São poucas as *ribeiras* que têm água todo o ano, pois que quase todas se conservam secas semanas a fio. Estas ribeiras de carácter torrencial correm por ravinas onde as águas exercem uma acção erosiva considerável, e que nas ilhas se chamam *grotas*.

Estas grotas tomam às vezes tais proporções que lhes dão o nome de *grotões* (ou *grotilhões*). Há os grotões do Pico da Esperança, em S. Jorge, os grotilhões nas encostas da Caldeira das Sete Cidades, em S. Miguel.

Não há ribeiros nem regatos, conhecidos por estes nomes, nos Açores. Ribeira é a designação genérica para todos os cursos de água. Um regato é designado por *rego de água*, às vezes pelo de *reguinho*. Há contudo um povoado na Terceira chamado Regatos. Muitas povoações tomam o nome de ribeiras que as atravessam; assim há em quase todas as ilhas uma Ribeira Grande, uma Ribeira Seca, uma Ribeirinha. Na Terceira, as povoações que se encontram para oeste de Angra eram primitivamente designadas pelo número de ribeiras que se atravessavam desde Angra até ao povovado em questão. Ainda hoje as Cinco Ribeiras e as Doze Ribeiras conservam as designações que por tal motivo receberam. Há contudo uma freguesia, Quatro Ribeiras, no norte da Terceira, que tira o nome do facto de ser atravessada por quatro ribeiras.

8. As grandes acumulações de água, de carácter permanente, aplica-se nos Açores a designação de *lagoas*. Nenhuma lagoa dos Açores rivalizam em grandeza e beleza com as da ilha de S. Miguel. Nas outras ilhas dão o nome de lagoas a simples charcos, às vezes de poucas dezenas de metros de diâmetro, que em S. Miguel se designam com mais propriedade por *charcos*, como, por exemplo, o charco da Madeira.

As próprias lagoas da ilha das Flores, justamente afamadas pela sua beleza, são bastante menores que as de S. Miguel; a lagoa Funda, nas Flores, é no entanto, mais profunda do que qualquer das grandes lagoas de S. Miguel.

Há nas ilhas alguns *paúis*, conhecidos por esta designação. O Paúl da Praia, na Terceira, é o mais extenso. Pântano não é nome usado nos Açores.

9. As costas açorianas são na sua maioria alcantiladas. O mar produz uma acção erosiva importante, principalmente

nas costas dos lados de oeste e norte, batidas quase constantemente por uma forte ondulação proveniente das perturbações que atravessam o Atlântico, geralmente passando pelo norte do arquipélago, de oeste para leste. Esse movimento ondulatório do mar, que os marítimos conhecem muito bem e distinguem do mar produzido pela acção local do vento, tem em francês o nome de *houle* e nos Açores recebe designações várias, alusivas umas vezes à direcção predominante donde vem (*mar do norte*), outras vezes ao facto de aparecer repentinamente, surpreendendo os pescadores e dando origem a sinistros (*mar falso*). A maresia que fica depois dum temporal, e quando o vento já abonançou, chamam *mares velhos*. A ondulação longa e de fraca altura, que não é mais do que uma *houle* atenuada, dão o nome de *mar banzeiro*. As ondas provocadas pelo mar dessa espécie chamam *inchas*, porque na verdade às vezes não se dá bem pela chegada da onda; antes parece que o mar intumesce e incha. São particularmente perigosas as *inchas* no verão, porque não raramente atingem altura considerável, estando o mar chão, e surpreendem pessoas que andam às lapas, arrastando-as para fora. São as *levadias* ou *lavadias* de Agosto, empregando-se as duas designações, que provém evidentemente de levar ou de lavar.

10. A acção erosiva das ondas produz a queda de materiais das rochas que bordam o mar, dando lugar a *quebradas*, que algumas vezes atingem quatrocentos e quinhentos metros de altura.

Essas rochas são cortadas por grotas mais ou menos profundas, algumas das quais se precipitam no mar de grande altura. Quase sempre na base das rochas encontra-se uma camada de lava basáltica que melhor resiste ao desgaste do mar.

De espaço a espaço encontra-se um *banco de lava* que entra pelo mar dentro e quebra o alcantilado da rocha. Bom número de portos do arquipélago estão situados junto destes bancos de lava, que em alguns lugares formam verdadeiros cais naturais. Muitas vezes as cabeças dos blocos de lava afloram ao nível do mar e dificultam o acesso aos cais. Os marítimos porém conhecem bem as entradas—*canais* ou *barras*—e mesmo com *mar bravo* conseguem levar com segurança os barcos até ao cais, sem darem ao calhau.

Calhau é a designação corrente da costa de pedra. Os pescadores vão pescar para o calhau e conhecem muito bem os *pesqueiros* ou *pedras* onde o peixe abunda.

Mas nem toda a costa é calhau. Num lugar ou outro, geralmente nas costas de leste e sul — as menos batidas pela ondulação do largo — a areia acumula-os junto da costa e forma uma *praia*. É sobre todas notável a Praia da Vitória, na ilha Terceira, com cerca de três quilómetros de extensão. Mas há outras, embora menores, em S. Miguel, em Santa Maria, na Graciosa, no Faial, no Pico.

Quando a extensão do areal é pequena, em vez duma praia temos uma *prainha*. Há várias povoações que tiram os seus nomes das prainhas que lhes ficam ao pé.

11. As costas das ilhas são pouco recortadas e os únicos portos seguros que aqui se encontram são os de Ponta Delgada e Horta, que dispõe de molhes a que chamam *docas*. Algumas *baías* merecem bem este nome, como sejam a de Ponta Delgada, a de Vila Franca, a da Praia da Vitória, a da Horta. Angra existe apenas uma, que deu o nome à cidade mais antiga do arquipélago. Toda a gente diz, porém, a baía de Angra. Enseada é nome desconhecido na nomenclatura usual. Mas há muitas *calhetas*, pequenos portos de entrada apertada, onde se acolhem barcos de diminuta tonelagem. O termo *porto*, como designação genérica, é usado em todas as ilhas e abrange tanto as grandes baías como as insignificantes calhetas.

Nos Açores não há cabos, nem promontórios, mas apenas *pontas* que entram pelo mar dentro e dão por vezes o nome a povoações, como Ponta Delgada, Ponta Furada.

12. Os mares dos Açores são limpos de escolhos e recifes. Há junto de quase todas as ilhas *ilhéus* de várias dimensões. Os maiores encontram-se em frente de Vila Franca do Campo, em S. Miguel, em frente do Porto Judeu, na Terceira, na Praia da Graciosa, junto de Vila do Porto, em Santa Maria. Tem pastagens, onde se criam ovelhas. Há muitos outros, mas mais pequenos e quase por completo escalvados.

Os ilhéus das Formigas são os únicos que se encontram fora do âmbito de quaisquer das ilhas. Assemelham-se-lhe os Fradinhos, a SE da Terceira. Não são, afinal, propriamente ilhéus, como nas ilhas lhes chamam, mas apenas uns farilhões, que se alongam pelo mar fora, por umas dezenas de metros e tem pequena altura. O nome de Frades, que deram aos da Terceira, provém de se acharem em fila, como os frades quando saíam em procissão. É usual a designação de *frades* para indicar também pontas de pedra, em fila, saindo para fora do terreno.

13. O termo recife, como o de farilhão, escolho, cachopo, são todos desconhecidos nos Açores. Às vezes empregam os pescadores o termo *restinga*, mas não com frequência. Os recifes são designados pelo nome de *pedras*, termo este que se aplica também aos escolhos.

Chama-se nos Açores *baixa* àquilo que no continente se chama uma baixio. Não há baixas de areia nos Açores; são todas de pedra e encontram-se junto das costas, com excepção da baixa denominada Chapman, que fica entre as ilhas do Faial e do Pico.

Há nos mares dos Açores um *banco* muito extenso, denominado banco da Princesa Alice, nome do navio em que o príncipe Alberto de Mônaco o descobriu. Fica a SW do Faial.

14. As nascentes de água tem nos Açores o nome de *fontes*. Aos *chafarizes* nunca chamam fontes, como no continente. Na Graciosa há *depósitos* de água, por causa da falta de fontes abundantes. No Pico há *cisternas*, pelo mesmo motivo. No Pico e no Faial há também *poços* donde se tira água para lavagens. São poços de maré e a água é salobra. Na Terceira há alguns *tanques* para o gado beber no mato. Há também *reservatórios* que alimentam as canalizações.

15. Nos Açores as terras cultivadas encontram-se geralmente à beira-mar. São *cerrados* divididos por *paredes* de pedra solta. O termo muro é menos usado e aplica-se de preferência às paredes altas, das quintas. Não se usa o termo courela. Emprega-se porém muito o termo *fazenda* para indicar um prédio rústico que pode ser constituído por um ou mais cerrados.

Na ilha do Pico chamam-se *bardos* às divisórias de prédios que não são formadas por paredes mas sim por valas. Os bardos encontram-se geralmente nos limites das terras particulares que confrontam com os *baldios*. Estes são terrenos públicos, onde cada um pode mandar apascentar os seus gados. Há muitos baldios na Terceira, poucos em S. Miguel.

Muitos baldios estão cobertos de *mato*, constituído principalmente por urze e faias. Os camponeses vão ao mato buscar lenha. Os caçadores estão afeitos a andar no mato. Nalgumas ilhas — no Pico, por exemplo — a palavra *serra* é empregada no mesmo sentido em que aqui se usa o termo mato. Assim dizem: fulano foi à serra procurar uma ovelha.

Mata é o termo empregado para designar o bosque, designação esta que não é conhecida do povo. Há matas de pinheiros, de eucaliptos, de acácias. Os picos e serras estão quase sempre cobertos de matos na sua parte superior, onde as condições do clima não permitem as culturas. Há porém lugares onde há mato, mesmo à beira-mar. É nos terrenos cobertos de lava recente, que não oferecem condições favoráveis para qualquer cultura e que se chamam *biscoutos*. São lavas em bloco, na sua maioria basálticas, de superfície muito irregular, com uma desagregação pouco adiantada.

Em São Jorge um desses biscoutos tem o nome significativo de Queimada. Chamam-se também *queimadas* às zonas despidas de vegetação que se encontram às vezes nos montes e que provém de terem deitado o fogo ao mato que as cobria quer para as arrotear, quer para desembaraçar a passagem.

16. Sobre muitas dessas lavas recentes, ou biscoitos, nem mesmo mato cresce ainda, mas apenas alguns líquenes e fetos começam a vegetar. São estes terrenos, negros, os mais desolados e feios do arquipélago, sinal sempre certo duma erupção que data de menos de três ou quatro séculos. Chamam-lhes *mistérios*, palavra esta que tanto pode provir do mistério que envolvia para os primeiros habitantes das ilhas o fenómeno horrendo e devastador da erupção vulcânica, como ser uma corrupção da expressão *más terras* correspondente a *malas-tierras*, nome com que nas Canárias são designados os terrenos de natureza idêntica.

As terras de biscoutos são as melhores para a cultura da vinha e são também as mais saudáveis do arquipélago, porque a água das chuvas some-se rapidamente através dos interstícios da rocha e o terreno conserva-se quase sempre seco, o que não acontece nas zonas cobertas de cinzas ou tufos, onde a humidade é sempre maior. As figueiras dão-se também muito bem nestes terrenos de biscouto, que no Pico são divididos em cerrados de poucos metros quadrados de superfície, formando às vezes um xedrês interessantíssimo.

Em quase todas as ilhas, entre as terras cultivadas e o mato (ou serra) há uma zona de *pastagens*. São famosas as pastagens de San Jorge, das Flores. Na Terceira usam de preferência o termo *pasto*, em vez de pastagem e chamam *criação* à pastagem artificial, reservando o nome de pasto para aquelas que não são, nem lavradas, nem adubadas.

Os terrenos cultivados são *terras*, *hortas*, *pomares*. Por todas as ilhas há *quintas*. Não há porém, nem herdades, nem casais, conhecidos por estes nomes.

17. As povoações das ilhas encontram-se geralmente à beira-mar. Além das três cidades e de numerosas vilas, há *freguesias* e *lugares*. O termo aldeia não se usa.

As freguesias tiram muitas vezes o nome do orago da igreja paroquial, mas há muitas que têm nomes de origem bem diferente, por vezes desconhecida. Entre os nomes mais usados nos Açores e que menos vezes aparecem no continente, por se referirem a circunstâncias locais, podemos citar os seguintes:

Ribeiras, Ribeira Seca, Ribeira Grande, Ribeira Quente; Praia, Prainha; Calheta, Calhetas, a que já nos referimos.

Loural, Figueiral, Faial, tem origem em louro, figueira, feia, árvores muito frequentes no arquipélago. Feteira, Feteiras e a corrupção Feiteira, indicam lugares onde há muitos fetos.

Água de Alto, Água Retorta, Água de Pau, fazem alusão a ribeiras. Salto é o nome genérico de qualquer queda de água e há vários lugares com este nome. Cascata, catadupla, são nomes desconhecidos.

18. Em todas as ilhas, em oposição à cidade, se diz campo ou monte. A *gente da cidade* e a *gente do monte*, se diz na Terceira. Em S. Miguel diz-se gente de fora da cidade, e chama-se *camponês* ao indivíduo que na Terceira é designado por *homem do monte*.

Por todas as ilhas há boas estradas, com excepção das Flores e do Corvo. Os caminhos são designados quase sempre pelo nome de *canadas* e lugares há que tiram o nome de alguma canada que os atravessa: a Canada Funda, a Canada Nova. Empregam-se também as designações *atalho* e *vereda*.

É também muito frequente o emprego do termo *ladeira*. As ladeiras são frequentes, em terrenos montanhosos como os dos Açores. Há várias povoações designadas pelo nome de ladeira: Ladeira Branca e Ladeira Grande. Um *rebutão* é uma ladeira muito íngreme, onde é frequente rebentarem ani-



mais que são forçados a puxarem cargas superiores às suas forças por tais declives acima. Quem quer experimentar as forças a um burro, leva-o ao rebentão. Não é, contudo termo muito generalizado.

Nos Açores faz-se largo uso dos diminutivos. Mesmo pessoas adultas são tratadas por Sr. Joãozinho, Sr. Francisquinho. Esta tendência para os diminutivos nota-se com bastante frequência nas designações geográficas: Prainha, Ribeirinha, Fontinhas, Reguinho, Lombinha.

19. Em certos lugares a acção erosiva das águas correntes põe a descoberto pedras que as mesmas águas vão alizando até formarem *lajes* que às vezes cobrem extensões razoáveis. Daí vem a existência de algumas povoações chamadas Lages (ou Lagens). Há também Lagedo e Lagido, com a mesma origem.

Outros nomes de povoados próprios do arquipélago são por exemplo: Salga, lugar onde se salgavam antigamente os porcos, as peles, ou o peixe. Lexívias, onde se faziam as lexívias do linho. Pisão, onde se pisava o pastel. A cultura do pastel deu também lugar ao nome de Pasteleiro, na ilha do Faial. E em Santa Maria há uma ponta dos Pendurados, que recorda uma outra indústria que há séculos trazia grandes rendimentos aos Açores: a da urzela. Naquela ponta desciam homens pendurados para apanharem a urzela.

Observação final. — Não pretendemos dar aqui senão uma súpula dos termos geográficos mais característicos e mais usados nos Açores. Quem pretender conhecer a toponímia açoriana com maior pormenor, leia as *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, de que estão publicados quatro volumes. Há também um interessante *Dicionário Histórico-Geográfico dos Açores*, publicado em fins do Século XIX, que não atinge no entanto, nem em cópia de informações, nem em meticulosidade, o excelente *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira*, do Sr. Padre Fernando Augusto da Silva. Neste Dicionário encontram-se muitos termos geográficos usados também nos Açores e aí explicada a sua origem.

ÍNDICE ALFABÉTICO

com indicação dos parágrafos onde se fala dos termos e locuções mencionados

Achada		criação	16
algar	3, 4	Depósito	14
angra	11	doca	11
atalho	18	Fajã	6
Baía	11	fazenda	15
baixa	13	fonte	14
baldio	15	frades	12
banco	13	freguesia	16
banco de lava	10	fumarola	3
bardo	15	furna	4
barra	10	Gente da cidade	18
biscouto	15, 16	gente do monte	18
Cabeço	—	geyser	3
caldeira	1, 3, 4	grota	7, 10
caldeirão	1, 3	grotão	7
caldeirinha	3	grotilhão	7
calhau	10	Homem do monte	18
calheta	11	horta	16
camponês	18	Ilheu	12
canada	18	incha	9
canal	10	Ladeira	18
cerrado	15	lagoa	8
chá	5	lajes	19
chafariz	14	levadia	9
charco	8	levadia	9
cisterna	14	lomba	3

lugar	16	pomar	16
Mar banzeiro	9	ponta	11
mar do norte	9	porto	10
mar falso	9	praia	10
mares velhos	9	prainha	10
mata	15	Quebrada	6, 10
mato	15	queimada	15
mistério	—	quinta	16
monte	2	Rebentão	18
morro	2	rechão	5
outeiro	2	rego de água	7
Pastagem	16	reguinho	7
pasto	16	reservatório	14
parede	15	restinga	13
paúl	8	ribeira	7
pedra	10, 13	rochão	5
pesqueiro	10	Salto	17
pico	1, 2	serra	1, 15
piquinho	2	Tanque	14
poço	14		

Angra, Julho — 1937.

Tenente-Coronel JOSÉ AGOSTINHO

Director do Serviço Meteorológico dos Açores
Presidente do Núcleo Açoriano da Sociedade de Meteorologia
e Geofísica de Portugal



José Agostinho

Documento, com a devida vénia, extraído duma separata da revista *A Terra*, Coimbra, 1938. Ao senhor Tenente-Coronel José Agostinho muito agradecemos a autorização que, em tempos, nos concedeu para a reedição deste valioso trabalho.

Lisboa, Setembro de 1970.

VICTOR HUGO FORJAZ



"LAGOINHA"

RESCALDO

Domingo, dia 29 de Maio. Quase Verão. Seria de esperar um belo dia, propício ao contacto com a Natureza. Os passeios anteriores desta "ROTA DO AÇOR" haviam sido efectuados com bom tempo (contrariamente ao que acontecera em anos passados), sendo de prever que o antepenúltimo dia de Maio estivesse radiante e aprazível para se fazer a caminhada até à Lagoinha.

A caravana-auto chegou ao local de início da caminhada cerca das 22H15, já com a Serra coberta de nevoeiro, embora a temperatura fosse amena.

Pelas 10H30 iniciou-se a ascensão até à Lagoa do Pinheiro, onde se chegou pelas 11H30, sob nevoeiro e aguaceiros. Mais umas passadas e almoçou-se junto à Nascente da Caldeirinha, cerca do meio-dia, sempre com pouca visibilidade.

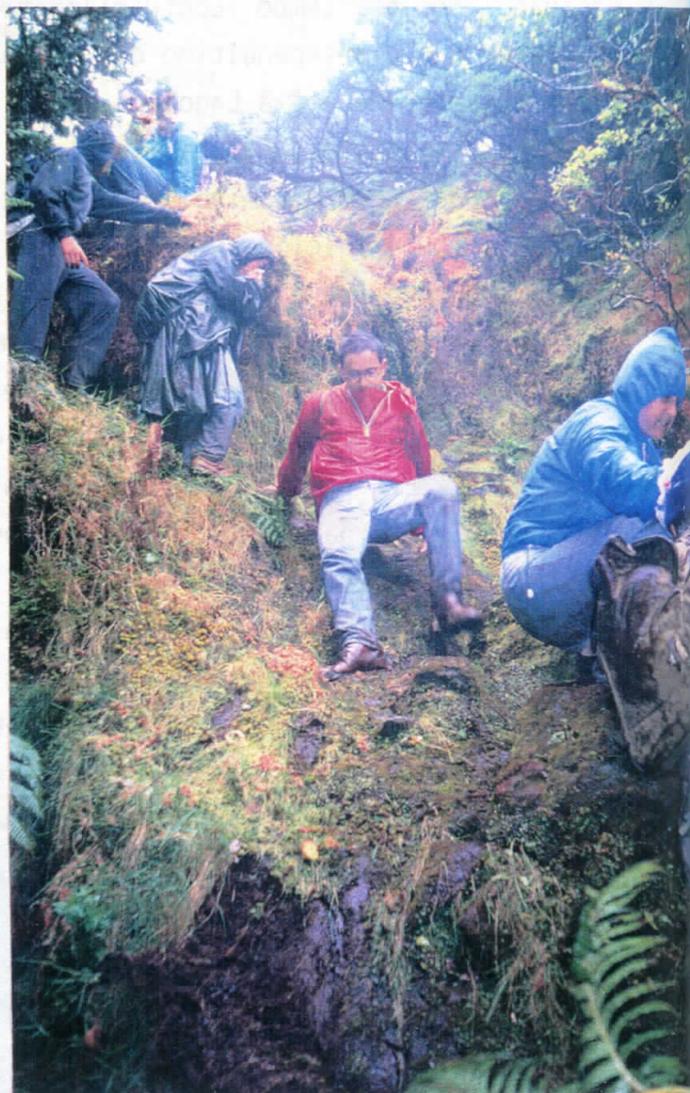
Após o almoço, e pela cumeada da Serra, rumou-se para a LAGOINHA, a qual não chegaria a ser atingida, já que, com o decorrer do dia, o tempo piorava, o nevoeiro intensificava-se, e de vez em quando caíam aguaceiros. Optou-se então pelo caminho mais curto para as viaturas, através de descida por uma das ribeiras da vertente Oeste da Serra.

Terminaria, assim, o "passeio" cerca das 15H30, sem que os participantes tivessem tido oportunidade de gozar as belas panorâmicas do percurso, devido ao já mencionado nevoeiro e, designadamente na parte final, a chuva.



Valeu, sobretudo, pelo esforço dispendido pelos bravos 42 participantes, que tiveram que suportar as inclemências do tempo.

O regresso a Angra, onde fazia um "sol de rachar", verificou-se pelas 16H30, com a colaboração do Regimento de Infantaria, ao nível do transporte.



PARTICIPANTES

ADAM CASINHA - ALEXANDRA MEDEIROS - ALFREDO MONIZ - ALICE ROCHA - ALVARO CABRAL - ANA ÇONÇALVES - ANA ROCHA - BRUNO MONIZ - CARLA SOARES - CLAUDIA MARTINS - DAVID FURTADO - DUARTE PAIVA - DUARTE SILVEIRA - ELSA FERREIRA - FILIPE SILVEIRA - GABRIELA CASTRO - ILDEBERTO ROCHA - JORGE REGO - JOSÉ FICHER - JOSÉ MARIA - JOSÉ SALDANHA - LUIS PIMENTEL - LUIS VASCONCELOS - MANUEL AGUIAR - MARCELINA ALVES - MARGARIDA REIS - MARIA MANSO - MARIA RAIMUNDO - NUNO GONÇALVES - PAULO RODRIGUES - PEDRO LUIS - PIETER GOMMERS - RICARDO DIAS - ROBERTO COSTA - SANDRO ROCHA - SYLVIE CUNHA - SYA DE NOOYER - TIAGO AVELAR - TRUDI TENHOVER - VALENTINA SANTOS - VERA GOULARTE - ZILDA PAIVA

"MELHORAMENTOS SOBRE AGOAS:

"No dia 14 do corrente mez foram os exm^{os} governador civil, e presidente da camara visconde de Bruges, os illm^{os} vereadores Rodrigues Fartura, Vasconcellos, e Sieuve de Seguiet, e José Augusto Cabral secretario da municipalidade, e varios cidadãos de distincção, observar as principaes nascentes d'agoas que cercam a cidade, com o mineiro que no passado numero annunciamos havia chegado do Porto.

Consta nos que em resultado de sua util digressão, todos vieram no conhecimento que ha uma abundancia d'agoas extraordinaria, porém necessitadas de varias obras para se poderem aproveitar, talvez sem grande difficuldade.

Na chamada Nasçença d'Agoa vae-se ja começar a fazer uma pequena obra, de que resultarão grandes vantagens, porque com ella se juntam ao cano real da cidade varias veias d'agoa, que se perdia em differentes direcções.

A Furma d'Agoa foi das examinadas; d'ella passamos a dar uma ideia tosca, por nossos conhecimentos não permittirem mais, para depois podermos dizer o que se tenciona fazer.

Para a chamada Furma d'Agoa se entra por uma abertura natural, que apparece no principio da grande caldeira à esquerda do Pico da Cruz, sendo o seu accesso bastante difficil; é transitavel pouco mais ou menos uns 600 passos; em sitios a abobada natural, formada de pedras miudas, alguns pedaços de rocha, e bagacina ligadas umas às outras, é muito baixa, sendo preciso para se poder passar curvar muito o corpo, e em outros tem altura sufficiente; a sua largura é varia, e a direcção é de oeste para leste. A corrente d'agoa que transita por esta medonha furma precipitando-se no biscouto da creação do sr. José Maria do Amaral, d'onde vae ter quase perpendicularmente ao mar, não é sempre visivel, em partes descobre-se correndo com susurro precipitadamente, e em outras desaparece por baixo de calhaus e bagacina, para em outro lugar tomar a mostrar-se, formando à distancia de 400 passos duas calhas d'agoa visiveis com a luz de archote.

É n'este lugar que com mais facillidade se pode utilizar a corrente d'agoa, que iria abastecer os povos da nova povoação da Achada, fertilizando seus terrenos, podendo-se dividir em varios ramos para differentes povoações, e até mesmo para a cidade, caso que fosse necessario, por isso que ollogar é tão alto e central, que se lhe podem dar as direcções que se desejarem. Parece que o exm^o governador civil e a camara municipal pediram licença à camara da villa de S. Sebastião, para poderem fazer obras nas ditas agoas, por pertencerem os terrenos baldios em que ellas se acham àquella concelho, e d'ellas não carecerem, ao que generosamente a camara annuiu.

Oxalá que se leve a effeito tão bella e proveitosa obra, e que os encarregados d'ella não esmoreçam por falta de meios, poque com actividade, zelo e perseverança tudo se vence.

As agoas da importante, populosa e rica freguezia da Ribeirinha também já mereceram a attenção da camara municipal; e com razão, porque em tempo de secca sofre muita falta d'agoa, como ainda aconteceu o ano passado, tendo os povos de vir buscar agoa à cidade, em colhel-a na rocha do mar proxima à freguezia, passando por um muito arriscado caminho que fizeram abaixo de Santo Amaro, onde a rocha é alta e escabrosa, e distante da povoação.

Os illm^{os} vereadores Fartura e Borges Leal Corte Real examinaram com o mineiro as fontes d'esta freguezia, quaes os melhoramentos de que carecem, e se se podem descobris e aproveitar novas.

Consta-nos que por um miudo exame vieram ao conhecimento de que fonte que fornece agoa potavel na falda da serra da Ribeirinha, se pode augmentar muito, mediante algum trabalho e despesa, mas pouca.

A agoa nasce por fendas de rocha rigissima, coberta de arvores e silvado, e abafadas as veias d'agoa com argamassa de cal, que aliás devem estar descobertas e limpas. Pelas observações que se fizeram se vê que a agoa é filha da mesma serra da Ribeirinha, cuja falda se estende com pouco declive na direcção de nomordeste e susudueste onde vem apparecer (logar do tanque), por suas filtrações a principal fonte da freguezia, e d'aqui toma a direcção de lessueste, e parece que limpando-se o lugar onde rebenta e fazendo-se algumas escavações desde o lado direito do tanque até à primeira barreira que serão 3 braças, e d'aqui minando-se por uma pequena feijã e serrado, na direcção de oesnoroste, ou oeste, se juntaria muita agoa e boa.

No littoral da ribeira, que percorre a freguezia em tempos de chuva, à esquerda ha mais algumas filtrações d'agoa, onde existe uma fonte e uma pia debaixo de um pequeno arco, que deve ser picada, furada, ou minada na mesma direcção da primeira, porque em pouco espaço se depararia com abundancia d'agoa.

Ainda a freguezia tem mais outra filtração natural no sitio da Pocinha (falda da serra, mas do lado direito) filha do terreno baldio e de um grande plano inclinado que corre de nordeste para sudueste; seguindo-se uma escavação desde o sitio da Pocinha com direcção ao norte presume-se que em pequena distancia se encontraria grande copia d'agoa, para toda a freguezia.

Em vista pois d'estas importantes observações, recommendamos à junta de parochia e aos povos d'aquella freguezia que não desprezem tão uteis ideias e que metam mãos à obra, porque sem duvida a illustre camara municipal não deixará de os coadjuvar com o que poder."

(in "O TERCEIRENSE", nº 54, de 26 de Fevereiro/1845)



O Algar do Carvão recebe anualmente em seu seio milhares de visitantes, oriundos das mais diversas latitudes, alguns dos quais são personagens mundialmente conhecidas e famosas, que deixam a sua mensagem no Livro de Ouro de "OS MONTANHEIROS".

Coube agora a vez, em 13 deste mês de Julho a um jovem açoreano cuja fama ultrapassou fronteiras desde que se guindou há já algum tempo aos Tops musicais como guitarrista/vocalista dos "EXTREME".

Referimo-nos, obviamente, a NUNO BETTENCOURT, benjamim de uma família de músicos, radicado desde criança nos Estados Unidos, e que se tornou o mais universal representante da família.

Gerado por graciosenses, a ilha Terceira o viu nascer, em Hudson (Mass) cresceu e se fez músico para o Mundo o autor da mensagem religiosamente deixada sobre o Algar (no que foi acompanhado pela vocalista do grupo Pop "Baby Animals"):

"PINGO DE LAVA" deseja ao NUNO muitos êxitos pessoais e musicais.

*BEAUTIFULL.
WORKS OF GOD!
AND MERCY DONE!*

Nuno Bettencourt
+ *Luzer*

"BEAUTIFULL. WORKS OF GOD! AND MERCY DONE!"

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (26)

◀ ILHA DO PICO ▶

ALGAR DO ALTO DO MORAIS

O ALGAR DO ALTO DO MORAIS tem as coordenadas (aproximadas) M - 4260,500 metros e P - 375,525 metros; a quota é de 1015 metros.

Alcança-se a entrada para este Algar seguindo da Furna do Frei Matias (concelho da Madalena) para a Canada do Mato.

As lavas presentes integram-se nas do Complexo Vulcânico da Madalena, do tipo encordado.

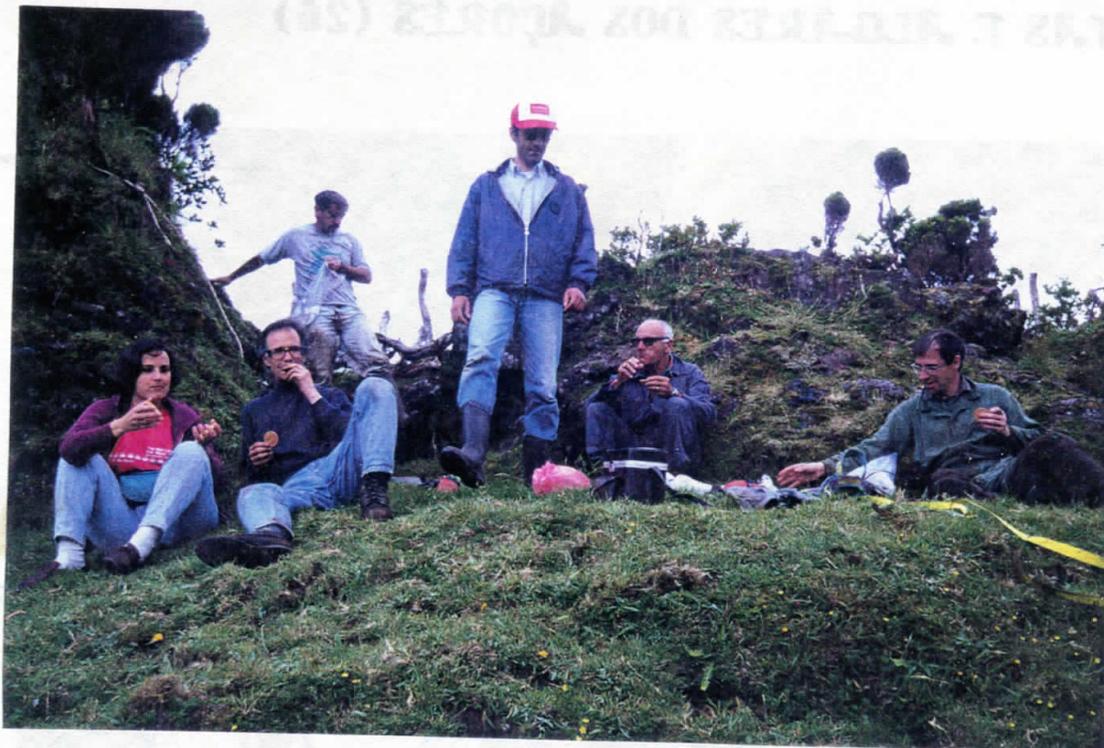
O início do Algar parece corresponder ao interior dum hornito (cf. Fig.2), pelo menos desde a entrada até à plataforma à profundidade de 10 metros. Seguem-se, então, duas salas (a de cota mais baixa de dimensões muito superiores à primeira) que se identificam com o vazio deixado pelo abaixamento da coluna de lava dentro da chaminé.

A base do Algar, com 12x30 metros, encontra-se coberta por depósitos vindos de cima e dela divergem três pequenos corredores (Fig.1), um com 35 metros de extensão, outro com 30 metros de comprimento e um terceiro, não explorado.

(in "CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO ESPELEOLÓGICO DA ILHA DO PICO",
S.P.E., Luis Arruda, 1972)

No dia 4 de Junho de 1994, durante a manhã e princípio da tarde de um sábado, "OS MONTANHEIROS" visitaram o ALGAR DO ALTO DO MORAIS, durante a expedição espeleológica à Ilha do Pico - "BOCAS DE FOGO-94". Vinte e sete anos após o estudo efectuado pela Missão Espeleológica ao Sistema Vulcânico Faiál-Pico-São Jorge (composta por cinco elementos), confirmam-se todos os dados então fornecidos e publicados em 1972 pela Sociedade Portuguesa de Espeleologia.

A equipa de "OS MONTANHEIROS" que desceu o Algar (Fernando Pereira e Luis Vasconcelos) não conseguiu também explorar o ponto A da Fig.1, devido a estar obstruído por pedras. Aliás, também se pensa que este Algar terá sido alvo de tentativa de entulhamento, dada a quantidade de matéria depositada nas duas plataformas e no fundo ser superior à indicada na Fig.2.



As fotos desta página dizem respeito à recente expedição "BOCAS DE FOGO-94". Em cima, a equipa almoçando no Alto do Morais, após a descida ao fundo do Algar. Em baixo, à esquerda, Luis Vasconcelos lavando o material num tanque a poucos metros do Algar onde havia descido.

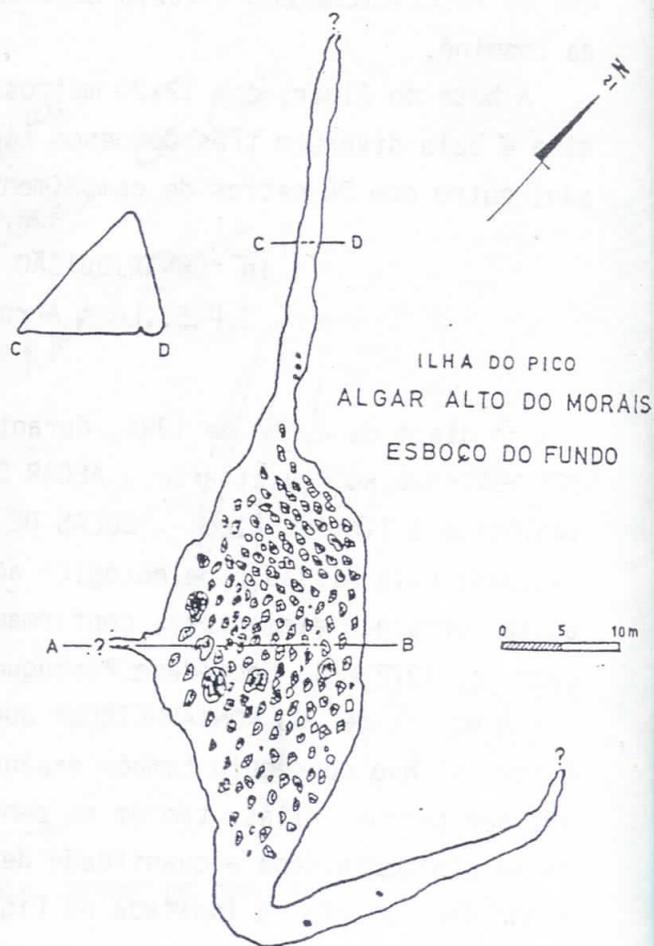
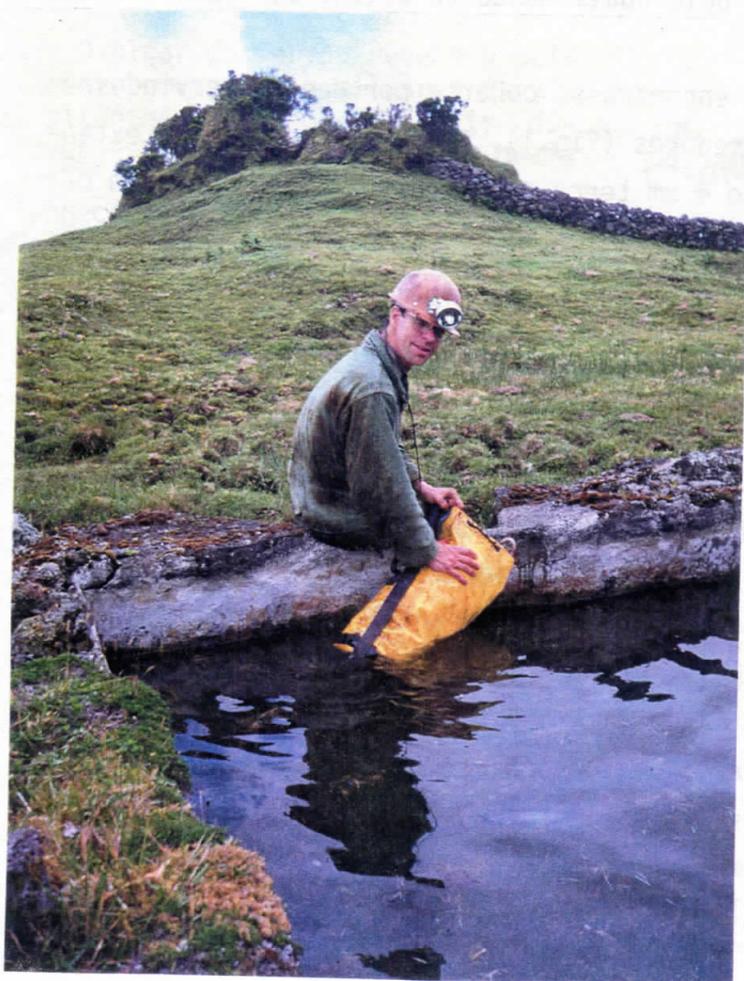


FIGURA 1

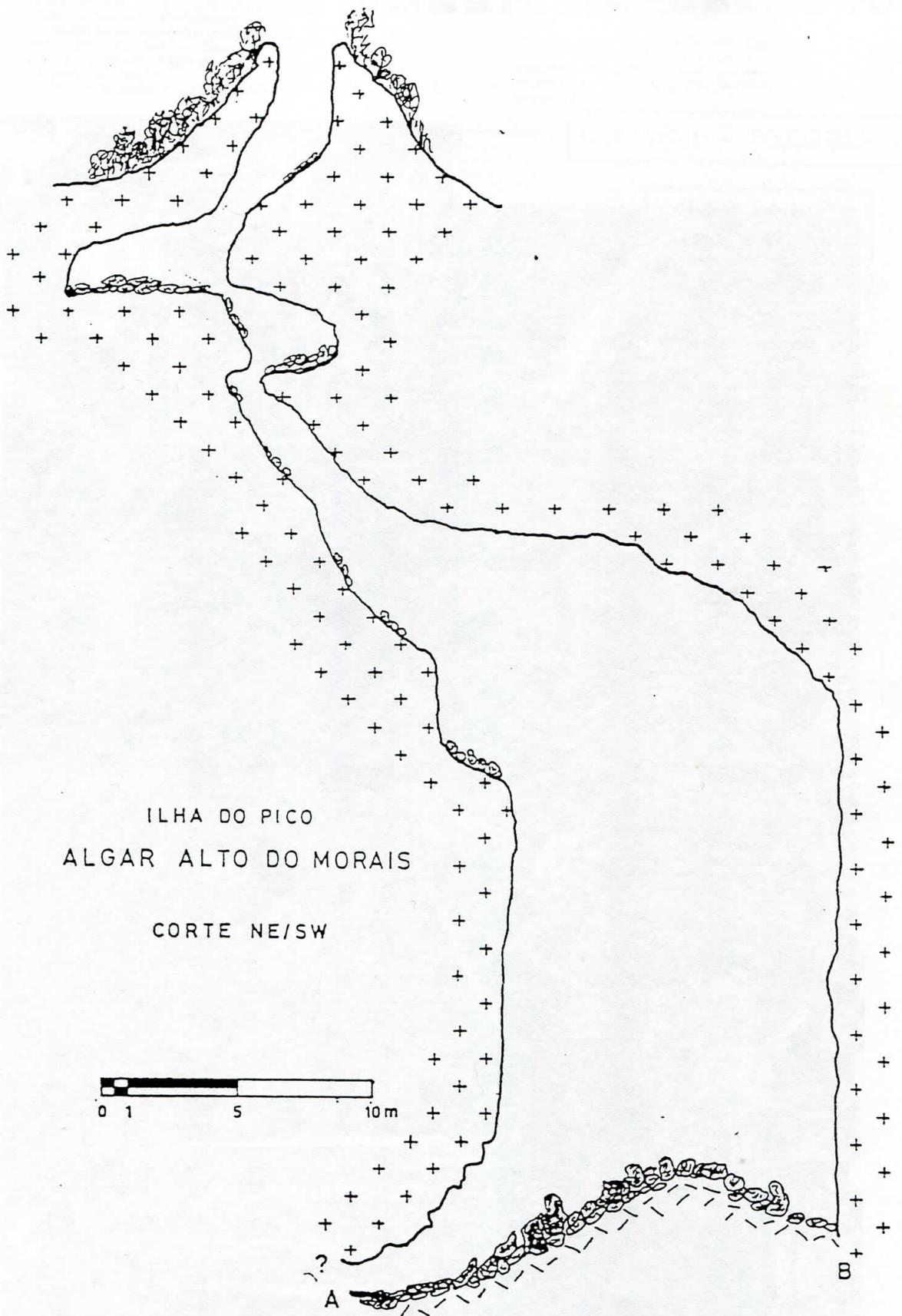
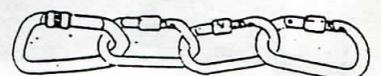


FIGURA 2



RECORTES DO ALBUM

"O CASTELO" - 1/8/1970

O "ALGAR DO CARVÃO" "JOIA" TURÍSTICA EM PERSPECTIVA

Extasiante o cenário de misteriosa beleza da catedral vulcânica do Algar do Carvão, desta Ilha. Dir-se-iam que mágicos da Renascença a esculpiram e decoraram com filigranas e arabescos de entalhes inverosímeis, das estalactites e estalagmites, num alarde de soberba e rendilhada fantasia. Fulgente antro de sonho que regala ver.

Descer à lagoa, a noventa metros do subsolo, embora por itinerário precário e tosco, gera um mundo de emoções fortes. Pena que, por insuficiência de luminosidade, o cenário fantástico se furte e se esconda no reino das sombras. Assume, pois, expressão gritante, a necessidade de um acesso firme, em pedra ou beton, balizado e suave, tranqueável a todas as idades, a isentar-nos da sensação do perigoso e abismal. Quando tivermos um percurso e luz semelhantes aos da gruta de Betharram e com música de fundo como a de Afacena, o Algar do Carvão deixará de ser um atractivo, para se oferecer joia turística.

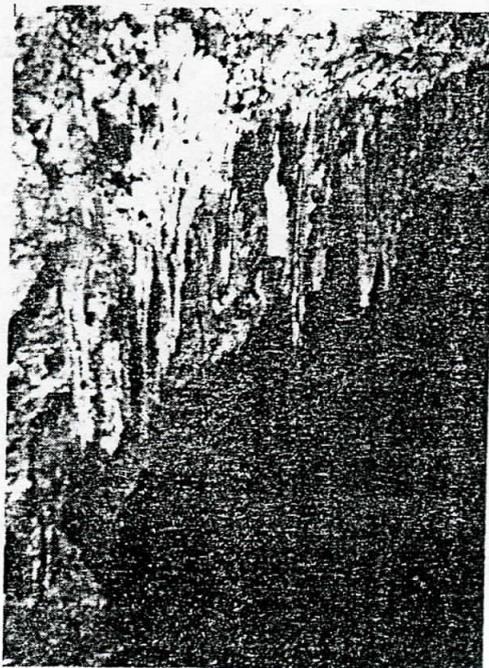
Ajudemos «Os Montanheiros» na sua benemerente e apaixonante jornada.

A densidade luminosa dos reflectores da televisão evidenciou a gama luxuriante das reluzências que das abóbadas irradiam. E, aos que o presenciaram, envolveu-os o deslumbramento.

P. M.



Estalactites de tamanho e aspecto variado nas abóbadas do «Algar do Carvão»



"DIÁRIO INSULAR"
7 DE AGOSTO 1970

VISITA DE UM GEÓGRAFO ÀS GRUTAS TERCEIRENSES

Em viagem de estudos vulcanológicos, encontra-se nesta ilha, desde o dia 25 de Julho, o geógrafo francês GERARD MOTTET.

MOTTET, que conta 30 anos, é natural de AUTUN e formou-se em Paris, tendo-se fixado como professor universitário de Física e Geografia, há cerca de três anos, na cidade de TANANARIVE, capital de MADAGASCAR, República Malgaxe.

3

Dois dias após a sua chegada, MOTTET foi apresentado aos MONTANHEIROS, com cujos membros tem contactado diariamente, tendo já visitado as seguintes grutas: Galeria dos Balcões, no Pau Velho, Gruta do Natal, Algar do Carvão e Galeria da Salga.

De todas estas grutas, MOTTET

tirou diversos apontamentos e desenhou alguns esboços de grande interesse para os seus trabalhos em curso.

Com esta visita, OS MONTANHEIROS aprenderam algo mais de interesse relacionado com as suas actividades, sobre o ponto de vista científico.





As lagoinhas do Pico do Boi (designadas por Alagadiços na Carta da Ilha Terceira) constituíam não há muitos anos um local idílico do interior da ilha, onde se podia gozar tranquilamente a amenidade de uma paisagem "sui generis".

De há algum tempo a esta parte, a área envolvente às lagoinhas tem-se degradado, não só em função da permanência de gado nas margens L-SE da maior delas, como também pela existência de lixo no local.

Mas, o que mais entristece o olhar é o facto de a área contigua à lagoinha pequena, a L-NE, ter ficado no estado em que a foto acima documenta. A febre da eucaliptização deixou totalmente deteriorada uma considerável área desta Terra Brava, paraíso endémico da ilha, parte integrante do maciço vulcânico do Pico Alto.

Destruir é fácil...reparar o mal é que se torna mais difícil !

PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS"
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – Rua da Rocha, 6/8
9700 ANGRA DO HEROÍSMO – TERCEIRA/AÇORES
TELEFONE 22992

— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —

